



**UFRPE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**MARILIA SILVA RIBEIRO CAMPELO**

**EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA:  
UM ESTUDO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

**RECIFE**

**2019**

**MARILIA SILVA RIBEIRO CAMPELO**

**EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA:  
UM ESTUDO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Monografia apresentada ao Curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, como requisito para a obtenção de título de licenciada em Pedagogia, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Ana Catarina Cabral

**RECIFE**

**2019**

**MARILIA SILVA RIBEIRO CAMPELO**

**EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA  
ALFABÉTICA: UM ESTUDO SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS**

Data da Defesa: 27/11/2019

Horário: 14 horas

Local: Sala 6B - UFRPE

Banca Examinadora:

Ana Catarina dos Santos Pereira Cabral  
Prof.<sup>a</sup> Orientadora

Carmi Ferraz Santos  
Prof.<sup>a</sup> Examinadora Interna

Dilian da rocha Cordeiro  
Prof. Examinador Externo

Resultado: ( ) Aprovado/a  
( ) Reprovado/a

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

193e

Campelo, MARILIA  
EDUCAÇÃO INFANTIL E O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: UM ESTUDO SOBRE  
OS LIVROS DIDÁTICOS / MARILIA Campelo. - 2019.  
79 f. : il.

Orientadora: Ana Catarina Cabral.  
Coorientadora: Carmi Ferraz.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2019.

1. Alfabetização. 2. Educação Infantil. 3. Livro Didático. I. Cabral, Ana Catarina, orient. II. Ferraz, Carmi,  
coorient. III. Título

---

CDD 370

## **Agradecimento**

Primeiramente agradeço ao meu Deus, que me auxiliou e me guiou até aqui. Sem ele, nada disso teria acontecido e eu não teria me apaixonado pela pedagogia. Posso dizer que aprendi com o maior mestres de toda a história, aquele que ensinou sobre o amor e com amor, o meu Amado Jesus.

Meu coração é grato a Ykharo Campelo, meu esposo, por ter me apoiado durante toda essa jornada, por acreditar no meu potencial, por dividir comigo os momentos de alegria e os de choro, durante todo esse ciclo chamado UFRPE.

Um agradecimento especial vai para Gabriel, Sofia e Benjamim, meus filhos amados, que tentaram compreender a minha ausência nos seus eventos escolares, na falta de tempo com eles, por conta dos meus estudos. Ainda assim, sempre me olharam com muito amor, me dando forças para continuar. Todo esforço valeu a pena por causa de vocês!

A toda minha família que de alguma forma se dividiu para cuidar dos meus filhos para que eu conseguisse concluir essa etapa da minha vida e que oraram por mim durante essa jornada. Sem eles, eu não teria conseguido. Obrigada!

Quero agradecer a todos os meus colegas de turma que contribuíram para o meu fazer docente, que com suas palavras e orientações fizeram diferença durante todo o curso.

Agradeço a minha orientadora, Ana Catarina Cabral, que contribuiu para que este trabalho fosse concluído. Por toda as suas palavras, puxões de orelha e por dividir um pouco comigo do seu conhecimento. Levarei um pouco de você comigo nessa nova jornada que se iniciará.

Agradeço a Universidade Federal Rural de Pernambuco, à Ruralinda, a todos que fazem parte da coordenação, meu muito obrigada!

## Resumo

Os livros didáticos vêm sendo introduzidos na Educação Infantil (EI) em algumas redes municipais sem nenhum tipo de avaliação, com a defesa de que possibilitam maior clareza em relação ao conteúdo a ser ensinado; ajudam os professores com baixa qualidade na sua formação; permitem o acesso dos pais ao que está sendo ensinado aos seus filhos na escola. Diante do exposto, traçamos como objetivo geral para a pesquisa, analisar os livros didáticos voltados ao último da educação infantil e as suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Visamos estabelecer relação entre a proposta adotada nas atividades que a obra apresentava e o eixo de linguagem escrita exigidos nos documentos oficiais. A pesquisa está caracterizada como sendo de natureza qualitativa (MINAYO, 2009). Realizamos análise documental da Coleção destinada ao último ano da EI, “Descobrir e Aprender”. Para análise dos dados nos baseamos na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977). O livro didático (LD) apresenta diferentes propostas para aquisição do SEA, priorizando textos que exploram o extrato sonoro da língua. Entretanto, com poucas propostas envolvendo o trabalho de análise fonológica. A obra traz sugestões voltadas ao professor, com alternativas e abordagens para o planejamento da aula. O LD sugere algumas propostas envolvendo brincadeiras, adivinhações e jogos, mas essas atividades não acontecem de forma sistemática. Dessa forma, percebemos que as atividades propostas criaram poucas possibilidades para as crianças aprenderem sobre a língua de forma prazerosa e reflexiva (cf. BRANDÃO e LEAL, 2010). Defendemos que a PNLD deve realizar uma avaliação dos recursos didáticos voltados para Educação Infantil que são adotados nas escolas públicas do nosso País. Consideramos importante o desenvolvimento de pesquisas que fomentem a reflexão, e se de fato, o livro didático deveria circular nas turmas da educação infantil.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Educação Infantil; Livro Didático.

## ABSTRACT

Textbooks have been introduced in early childhood education (EI) in some municipal networks without any kind of evaluation, with the defense that they allow greater clarity regarding the content to be taught; help low quality teachers in their training; allow parents access to what is being taught to their children in school. Given the above, we set as a general objective for the research, analyze the textbooks aimed at the last of early childhood education and their contributions to the process of teaching learning reading and writing. We aim to establish relationship between the proposal adopted in the activities that the work presented and the axis of written language required in the official documents. The research is characterized as being of a qualitative nature (MINAYO, 2009). We conducted documentary analysis of EI's last year's Collection, "Discover and Learn". For data analysis we based on the Content Analysis proposed by Bardin (1977). The textbook (LD) presents different proposals for the acquisition of SEA, prioritizing texts that explore the sound extract of the language. However, with few proposals involving phonological analysis work. The work brings suggestions directed to the teacher, with alternatives and approaches to the planning of the class. The ML suggests some proposals involving play, guesswork and games, but these activities do not happen systematically. Thus, we realize that the proposed activities created few possibilities for children to learn about the language in a pleasant and reflective way (cf. BRANDÃO and LEAL, 2010). We argue that the PNLD should carry out an assessment of the didactic resources aimed at early childhood education that are adopted in the public schools of our country. We consider it important to develop research that encourages reflection, and if indeed, the textbook should circulate in the education classes.

**Keywords:** Literacy; Child Education; Textbook.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 .....	35
Figura 2 .....	35
Figura 3 .....	37
Figura 4 .....	38
Figura 5 .....	42
Figura 6 .....	43
Figura 7 .....	44
Figura 8 .....	44
Figura 9 .....	46
Figura 10 .....	46
Figura 11 .....	48
Figura 12 .....	48
Figura 13 .....	49
Figura 14 .....	50
Figura 15 .....	51
Figura 16 .....	51
Figura 17 .....	55
Figura 18 .....	56
Figura 19 .....	57
Figura 20 .....	57
Figura 21 .....	59
Figura 22 .....	60
Figura 23 .....	60
Figura 24 .....	64
Figura 25 .....	64
Figura 26 .....	65
Figura 27 .....	66

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Atividades relacionadas ao SEA .....	38
Tabela 2 – Textos propostos ao longo da coleção.....	51
Tabela 3 – Recomendações e Orientações para o professor sobre o SEA.....	59
Tabela 4 – Encaminhamentos para o professor em relação à reflexão sobre a escrita.....	60

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Documentos da Educação Infantil: definições de criança, professor e língua/linguagem escrita .....	26
---	----

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
LD	Livro Didático
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
SEA	Sistema de Escrita Alfabético
INL	Instituto Nacional do Livro
CNLD	Comissão Nacional do Livro Didático
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
EI	Educação Infantil

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I - Leitura e escrita na Educação Infantil: o que isso significa? .....</b>	<b>15</b>
1.1.O uso do Livro Didático no Brasil .....	18
1.2 O que as pesquisas revelam em relação ao trabalho com Livros Didáticos na Educação Infantil? .....	21
1.3 Documento Curricular e o ensino da Língua escrita na Educação Infantil .....	25
<b>CAPÍTULO II - UM CAMINHO A SE PERCORRER.....</b>	<b>31</b>
2.1 Universo Pesquisado .....	32
2.2 Sujeitos Pesquisados .....	32
2.3 Metodologia de Análise.....	33
<b>CAPÍTULO III - ANÁLISE E AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>34</b>
3.1 Estrutura geral da obra.....	34
3.2 Análise das atividades que envolvem o ensino da língua escrita.....	38
3.3 Trabalhando com o letramento .....	52
3.4 Descrição da proposta para o professor .....	58
3.5 Sugestões ao professor .....	62
3.6 O Brincar e as interações ao longo da coleção.....	66
3.7 O eixo estruturante da Educação Infantil e o que se vê na coleção. ....	68
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita fazem parte da cultura e da sociedade, ou seja, desde a infância existe interesse sobre o funcionamento da língua escrita. As crianças quando ingressam na Educação Infantil já trazem conhecimentos sobre os usos e funções da língua escrita. Diante disso, é importante pensar em algumas questões: como trabalhar com o ensino da língua escrita no último ano da educação infantil? Quais atividades devem ser priorizadas?

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), não apresentam uma definição sobre o ensino da língua escrita na educação infantil, mas fala que as instituições de ensino devem promover às crianças integralidade no que se refere às questões afetiva, motora, cognitiva, ética estética e sociocultural. Quando falamos da dimensão sociocultural, nos referimos também às práticas de leitura e escrita que as crianças vivenciam dentro da sociedade. Não se trata de alfabetizar as crianças antes dos 6 anos, mas de criar oportunidades em que possa pensar sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabética (SEA), visto que a leitura e a escrita não são apenas vivenciadas dentro do espaço escolar.

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao tratar das crianças da educação infantil estabelece que toda criança tem o direito a “conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro [...]” (BRASIL, 2017). Entendemos que as crianças ao serem inseridas na escola são vistas como sujeitos de direitos que vivem em determinada cultura, sendo que esses direitos se estendem à aprendizagem da leitura e da escrita. Por mais que haja opiniões divergentes sobre esse ensino do sistema de escrita alfabética (SEA) ainda na Educação Infantil, é importante consolidar as questões tanto teóricas, quanto práticas sobre a relevância do ensino da leitura e escrita na Educação Infantil (ARAUJO, 2017); entendendo, portanto, que esse aprendizado se dá de acordo com o interesse da criança, e não de maneira engessada, mas introduzindo-o na perspectiva da criança, por meio de brincadeiras com a língua, nos jogos, nas atividades de leitura, dentre outras.

Baptista (2010, p.2) chama a atenção para o fato de a Educação Infantil ter identidade própria, “constituída a partir das características dos sujeitos aos

quais ela se destina – às crianças e sua forma de se relacionar com o mundo e de construir sentido para o que experimentam”.

Brandão e Girão (2014) também remetem a importância dessa abordagem da leitura e escrita durante a Educação Infantil, “[...] ao compartilhar diferentes atos de escrita, as crianças começam a perceber as complexas relações entre os sinais escritos e a produção linguística numa determinada situação sócio comunicativa” (p. 1).

Entendendo que as crianças já entram na escola com seu conhecimento de mundo, e, também sobre as práticas de letramento, é importante o olhar do professor quanto a oportunizar a essas crianças propostas de leitura e escrita que atendam as curiosidades dos pequenos.

Nessa perspectiva sobre o ensino e aprendizagem da leitura e escrita Morais (2005) que ao tratar sobre o aprendizado como um objeto de conhecimento, aborda que o domínio sobre o sistema notacional alfabético, não é apenas reproduzir os fonemas em grafemas, porém compreender como funciona o sistema de escrita alfabética.

Para desvendar esse enigma, o aprendiz vai ter que compreender as propriedades do sistema notacional com o qual está se defrontando. Isso implica compreender (reconstruir mentalmente):

- 1) que se escreve com letras, que as letras não podem ser inventadas, que para notar as palavras de uma língua existe um repertório finito (26, no caso do português); que letras, números e outros símbolos são diferentes;
- 2) que as letras têm formatos fixos (isto é, embora *p*, *q*, *b* e *d* tenham o mesmo formato, a posição não pode variar, senão a letra muda); mas, também que uma mesma letra tem formatos variados (*p* é também *P*, *P*, *p*, *P*, *p*, etc.), sem que elas, as letras, se confundam;
- 3) quais combinações de letras estão permitidas na língua (quais podem vir juntas) e que posição elas podem ocupar nas palavras (por exemplo, *Q* vem sempre junto de *U* e não existe palavra terminando com *QU* em português);
- 4) que as letras têm valores sonoros fixos, convencionalizados, mas várias letras têm mais de um valor sonoro (a letra *O* vale por /ó/, /õ/, /ô/ e /u/, por exemplo) e, por outro lado, alguns sons são notados por letras diferentes (o som /s/ em português se escreve com *S*, *C*, *SS*, *Ç*, *X*, *Z*, *SC*, *SÇ*, etc) (MORAIS, 2005, p.42).

Da mesma forma, tão importante quanto o ler e escrever, deve também existir preocupação quanto às metodologias utilizadas, bem como dos materiais empregados para aquisição dessa linguagem. Os livros didáticos vêm

sendo introduzidos na Educação Infantil em algumas redes municipais, sem nenhum tipo de avaliação com a defesa de que possibilitaria maior clareza em relação aos conteúdos a serem ensinados, e de que, ao mesmo tempo, ajudaria aos pais a terem acesso ao que está sendo ensinado aos seus filhos na escola. Em contrapartida, como o ato de inserir a criança no universo da linguagem escrita, muitas vezes, se torna complexo, outro argumento para o uso dos livros didáticos (LDs) na educação infantil é o de que ajudaria os professores que tiveram baixa qualificação durante sua formação a se utilizarem dele para realizarem seus planejamentos pedagógicos. O objetivo não é desqualificar o LD, mas analisar as contribuições, ou os problemas, que o seu uso pode trazer na parte pedagógica, no que se refere ao ensino do sistema de escrita alfabética durante a Educação Infantil.

O interesse quanto a essa temática teve origem nas minhas vivências enquanto pesquisadora dentro da sala de aula, atuando como professora substituta. Diante de muitos desafios, realizava alguns questionamentos no que se refere ao ensino da leitura e da escrita; sobretudo, o seguinte: os livros didáticos utilizados pelos professores no último ano da Educação infantil contribuem para o processo de ensino e aprendizagem do sistema de escrita alfabética de forma lúdica?

Quando se trata do meio acadêmico, este trabalho torna-se relevante, pois poucos são os estudos e pesquisas voltados para essa temática. De modo que, quanto mais pesquisas e resultados forem encontrados, mais conhecimentos e argumentos teremos da importância de tratar do ensino da língua escrita nos últimos anos da Educação Infantil. A pesquisa possibilita um estudo sobre o uso dos livros didáticos voltados para o último ano da Educação Infantil (grupo 5), assim como suas possíveis contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA). Diante do exposto, traçamos como objetivo geral para a pesquisa, analisar os livros didáticos voltados ao último da educação infantil e as suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Visamos estabelecer relação entre a proposta adotada nas atividades que a obra apresentava e o eixo de linguagem escrita exigidos nos documentos oficiais. Para análise do documento foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar e analisar as atividades voltadas ao ensino da leitura e da escrita;
- Identificar nos livros didáticos as estratégias de articulação entre as atividades voltadas ao ensino do SEA e as práticas de leitura e produção de texto.

## **CAPÍTULO I - Leitura e escrita na Educação Infantil: o que isso significa?**

Por volta de 1980 a pré-escola exercia a função da atual Educação Infantil, cujo propósito era a preparação para escolarização, que antes só teria início no Ensino Fundamental. No Brasil a Educação Infantil tornou-se parte integrante da Educação Básica por meio da Lei nº 9.394/96 em seu artigo 22. Em 2006 foi feita uma modificação na LDB 9.394/1996, o que trouxe a antecipação do Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, cabendo à Educação infantil atender as crianças na faixa etária de 0 a 5 anos. Já em 2009, a Emenda Constitucional nº 59/2009 estabeleceu a obrigatoriedade da Educação Básica dos 4 aos 17 anos.

A Educação Infantil tem como seu objetivo o ato de educar e cuidar ao mesmo tempo, compreendendo que um está ligado ao outro. As crianças, em seus diferentes contextos sociais, ao chegarem à escola precisam ser acolhidas e cuidadas, e, ao mesmo tempo, serem inseridas em processos pedagógicos. (BRASIL, 1998)

A Educação Infantil promove novas experiências, como ter contato com seus pares, aprender e ampliar habilidades, e, dentro disso, vivenciar momentos de inserção na língua falada e escrita. Compreende-se que a criança é um sujeito histórico, possuidor de direitos, e que é por meio das práticas do cotidiano que constrói a sua identidade pessoal e coletiva, por meio do brincar e imaginar, que aprende, observa, experimenta, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produz cultura (BRASIL 2010, p.12)

A partir da década de 80, no Brasil, ocorreram muitas mudanças quanto à concepção sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua escrita na fase escolar. Dentro desse contexto, a alfabetização foi concebida como ensino repetitivo e mecanizado de letras, sílabas, palavras e frases indevidamente (PIFFER, 2006).

Dessa forma, não havia a possibilidade de apresentar nas salas de aula o universo da escrita real, os diversos gêneros, nem mesmo a possibilidade de leitura e produção de textos antes do final da alfabetização formal. Na educação infantil não se via textos, o que era apresentado às crianças eram apenas histórias de contos de fadas, que as professoras liam, ou textos das cartilhas. Stemmer (2007, apud BRANDÃO E LEAL, 2010, p.19) salienta que:

Como comumente a aprendizagem da leitura e da escrita não têm sido sequer considerada na educação infantil, o que existe é um total desconhecimento do assunto. O resultado mais imediato é que os professores diante do evidente interesse demonstrado pelas crianças em querer aprender a ler e escrever ficam sem saber o que fazer, e em muitos casos, acabam por reproduzir práticas de ensino a que eles próprios estiveram submetidos em suas experiências escolares, sem, no entanto, terem conhecimento necessário para compreender as razões do que fazem e sem subsídio teórico algum para alicerçar suas práticas. (p.19)

Brandão e Leal (2005), afirmam que por meio dos estudos de Ferreiro e Teberosky (1979), as autoras puderam ter mais clareza que nem a apropriação do sistema alfabético é um processo mecânico de memorização, nem tampouco a sua apropriação garante que o aluno seja capaz de ler e produzir textos. Ainda para as autoras, sem o domínio da base alfabética da escrita não existe leitura eficiente, de maneira crítica, assim como também não há uma produção de texto autônoma e competente. “O ensino do sistema alfabético de escrita é, pois, uma das prioridades da educação infantil e dos anos iniciais de ensino fundamental.” (BRANDÃO E LEAL, 2005, p.33). Ainda na perspectiva das autoras:

É essencial, portanto, que as crianças adquiram certos conhecimentos, tais como: identifiquem e escrevam as letras do nosso alfabeto; aprendam que as palavras são compostas por pedacinhos menores (sílabas), que sempre incluem uma vogal; que essas letras ou combinações de letras correspondem sistematicamente a determinados sons; que a cada unidade gráfica (letra) corresponde uma unidade sonora (fonema); que a nossa escrita segue, via de regra, na direção da esquerda para direita e de cima para baixo; dentre outras noções importantes. Para isso, é imprescindível dedicar-se cotidianamente a ensinar. (BRANDÃO E LEAL, 2005, p.33)

Brandão e Leal (2005) defendem que é de extrema importância ensinar aos alunos a transformar os sinais gráficos em pauta sonora e vice-versa. Porém não se deve esquecer que a leitura e escrita são primordialmente atividades de construção de sentidos.

[...] não há como formar leitores e produtores de textos competentes, sem que as crianças possam ter, desde cedo, a chance de ouvir, ler e escrever muitos e muitos textos na escola, inseridos em situações significativas para elas, sejam elas reais, sejam elas de faz-de-conta (brincadeira). (BRANDÃO E LEAL, 2005)

Ainda seguindo o raciocínio das autoras, é salutar a importância da escola na inserção das crianças na cultura escrita desde cedo, assim como a alfabetização deve ser entendida como um longo processo que começa antes do ano escolar em que se espera que a criança seja alfabetizada (BRANDÃO e LEAL, 2010). Segundo as palavras de Ferreiro (1993):

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar espaços gráficos e distinguir entre desenhos e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos (FERREIRO, 1993, p.39, apud BRANDÃO e LEAL, 2010, p.20).

Entende-se que a criança ao brincar participa do mundo dos adultos, se apropria das práticas sociais que a envolve, e uma dessas práticas é a leitura e escrita. O que se defende é que a criança possa ser oportunizada com o ensino do sistema alfabético de escrita ainda na Educação Infantil, visto que o documento Diretrizes Nacional da Educação Básica (2013) estabelece que as instituições de ensino promovam a inserção da criança não apenas nas áreas afetiva, motora, cognitiva, etc., mas também no âmbito sociocultural.

Concordamos, assim, que a Educação Infantil tem um papel importante a assumir na inserção das crianças na cultura escrita, na formação de leitores e de usuários competentes da linguagem escrita, entendendo esses aspectos como produção de cultura e defendendo o direito das crianças à cultura letrada. (ARAUJO, 2017, p.347)

Em suma, não se trata apenas de estimular a criança em relação à aprendizagem do sistema de escrita, tampouco das práticas sociais de leitura e escrita, o interessante é que o professor planeje atividades que favoreçam a alfabetização na perspectiva do letramento (BRANDÃO e LEAL, 2010). Com atividades que elas possam explorar no contexto escolar e fora dele, usar de contação de histórias, jogos que estimulam a análise fonológica de palavras, que incentivam a identificação e escrita das letras e o reconhecimento global de certas palavras, atividades e jogos que fomentam a discriminação perceptual e coordenação visomotora. Sabendo que ensinar a escrita na Educação infantil não deve ser feito de forma eventual, e que esse processo

não deve fazer parte do “currículo escolar”, mas ter como objetivo integrar projetos de trabalhos em que as crianças estejam envolvidas (BRANDÃO e LEAL, 2010).

Diante dessa nova perspectiva na aquisição do (SEA) sistema de escrita alfabética, entram em cena novos recursos pedagógicos que buscam favorecer esse aprendizado, nesse caso, o livro didático voltado para educação infantil.

Muitas escolas privadas e públicas estão adotando livros didáticos para essa fase, sendo um item muito importante para auxiliar aos professores na sala de aula. Alguns pesquisadores afirmam que esse material é útil para professores que não possuem muita experiência ou até mesmo para suprimir lacunas de suas formações.

### **1.1.O uso do Livro Didático no Brasil**

No Brasil os livros didáticos surgiram por volta de 1929 com a criação do Instituto Nacional do Livro – INL, com intuito de validar o livro didático nacional e de aumentar a produção do mesmo. Isso foi apenas o início, pois a efetividade da implementação do INL se deu por volta de 1934, no governo de Getúlio Vargas, quando o instituto passou a editar obras literárias para formação da cultura da população, elaborar um dicionário nacional e uma enciclopédia, além de expandir o número de bibliotecas públicas (FREITAS E RODRIGUES, 2008).

Em 1938, o Ministro da Educação e Saúde cria, por meio do Decreto-Lei nº 1.006, de 30/12/38, a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), que tinha por objetivo fiscalizar a elaboração do livro didático.

No decreto-lei, logo no artigo dois, estabeleceu-se que seriam considerados livros didáticos: os compêndios que “exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares e as obras de leitura de classe” – quais sejam, “os livros usados para leitura dos alunos em aula”. 32 Publicado em dezembro de 1938, o decreto estabelecia que, a partir de 1º de janeiro de 1940, nenhum livro didático poderia ser adotado no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais e secundárias no país sem a autorização prévia do Ministério da Educação e Saúde, inclusive os editados pelos poderes públicos (FERREIRA, 2008, p.38).

Durante 67 anos (1929 a 1996) diferentes formas foram testadas, em diferentes governos, para que os livros didáticos chegassem às escolas, mas

somente com a extinção da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) em 1997, e com a transferência da política de execução do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Fundo Nacional de Desenvolvimento de Educação (FNDE) é que veio principiari a produção e distribuição acentuada de livros didáticos (FREITAS E RODRIGUES, 2008).

O PNLD é designado para avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, incluindo também materiais que auxiliam a prática educativa. Esses materiais são entregues de forma periódica, organizada e gratuita nas escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital, abrangendo às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas ao governo (BRASIL, 2017).

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros. (BRASIL, 2017)

Para Fonseca (1999), o livro didático e a educação convencional caminham de forma paralela diante do contexto político e cultural e das relações de dominação. Este material culmina como instrumento que corrobora para o sistema de poder, privilegiando universos culturais específicos; atuando como mediador entre concepções e práticas políticas e culturais, redundando em uma peça essencial para manutenção de determinadas visões de mundo (CORREIA, 2000).

Choppin (1998) afirma que o livro didático é uma realidade material e que participa da cultura, assim como simbólica, cujo conteúdo inserido nele está de acordo com o que o Estado estabelece como importante para ser ensinado.

A importância atribuída a esse suporte pode ser verificada nas modificações editoriais e metodológicas que acompanham as discussões sobre o processo de alfabetização, como também, nas políticas governamentais, por meio dos programas de

distribuição de livros didáticos, no caso brasileiro, atualmente, o Programa Nacional do Livro Didático/PNLD, vigente desde a década de 1980. (VIEIRA, 2015, p. 03)

Sob influência dos estudos da Psicogênese de Ferreiro e Teberosky os livros didáticos voltados para o ciclo de alfabetização passam por uma reconfiguração, se adequando às novas questões em debate. Esse material, ao longo da História da Alfabetização e da educação de forma geral, está incutido tanto nas políticas públicas, por diversos programas, quanto no espaço escolar, como material didático dos alunos, usado também como apoio no planejamento dos docentes, além de se tornar uma fortuna para as editoras (VIEIRA, 2015).

Quando se volta o olhar para o lado das editoras, alguns pesquisadores são extremamente críticos:

Entendemos que essa compra representa mais do que a simples aquisição de materiais didáticos, dado se tratar de estratégia por meio da qual o setor privado amplia seu mercado, ao incidir sobre o espaço público na mesma medida em que o setor público transfere parcela de suas responsabilidades para com a educação à iniciativa privada. (ADRIÃO et al, 2009, p.801)

Porém a análise não pode ser feita olhando apenas um único aspecto, é preciso buscar uma visão ampliada, observando tudo o que envolve essa questão.

De acordo com BRITO et al (2007), os novos livros apresentam conteúdos integralizados e uma abordagem multidisciplinar, em que se aproximam a realidade dos alunos. Apesar das recomendações do PNLD/2004 sobre os livros, os professores permaneceram utilizando seus antigos materiais, alegando que os mesmos traziam uma abordagem mais acessível para os alunos.

De forma geral, os livros recomendados vinham com vários gêneros textuais, como instrução de jogo, bilhete, contos de fada, receita, poesia, verbete de enciclopédia, trava-línguas, notícia de jornal, etc. (BRITO et al, 2007). Isso apenas reforça que é possível ensinar a escrita na Educação Infantil de maneira sistemática, introduzindo aspectos relativos à apropriação do sistema alfabético de escrita, levando em consideração os objetos e atividades no eixo do letramento. Compreendendo que é relevante que as crianças vivenciem situações diferentes de contato com a escrita.

O domínio de uma multiplicidade de gêneros textuais orais, além de ser de grande importância para a participação em eventos mediados pela oralidade, também é significativo para a aprendizagem e utilização de gêneros textuais escritos que guardam com esses gêneros orais muitas similaridades. (BRANDÃO e LEAL, 2005, p.32).

Levando em consideração todas as informações vistas sobre a temática dos livros didáticos, suas possíveis contribuições, assim como o lado comercial que os envolve, este trabalho teve como objetivo analisar de forma imparcial esses livros didáticos. Entendendo que na Educação Infantil esse material não é algo imprescindível, diante das possibilidades que o professor pode ter para trabalhar o SEA dentro da sala de aula. Mas ao se tomar a decisão de adotar esse material, deve ser levado em consideração sua qualidade, se o mesmo atende às concepções de ensino e aprendizagem do sistema de escrita alfabética, e os impactos que esse material pode imprimir na rotina dessas crianças.

[...] não é obrigatório dar aulas de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar semelhanças e diferenças entre textos escritos; para explorar espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar e construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem no mais diversos objetos (FERREIRO, 1993 Apud BRANDÃO, 2010).

## **1.2 O que as pesquisas revelam em relação ao trabalho com Livros Didáticos na Educação Infantil?**

Para melhor entendimento quanto a essa conjuntura em que se encontra a temática do uso de livros didáticos na educação infantil foi necessário um levantamento de trabalhos acadêmicos que proporcionasse uma amplitude do campo teórico sobre a temática em questão.

Realizou-se uma revisão bibliográfica cujo conteúdo foi extraído dos sites do Portal de Periódicos da BDTD e dos anais da ANPED. Foram selecionadas teses, artigos e dissertações dentro de um período de dez anos (2008 a 2018), que estavam inseridos na área de Educação. Para uma busca mais efetiva, utilizou-se como descritor fixo o termo “livro didático”, relacionando com outros descritores, como: “alfabetização” e “educação

infantil”. Também se utilizou livros que abordavam esta temática, não apenas o uso do livro didático, mas a inserção da escrita durante a Educação Infantil. Os textos acadêmicos escolhidos durante a pesquisa foram selecionados de acordo com o tempo estabelecido, dentro dos dez anos, assim como as concepções acerca do tema. Os resultados preliminares dessa pesquisa acerca dos materiais didáticos destinados à Educação Infantil possibilitaram a constatação de que existem poucas publicações a esse respeito.

Maria Tereza Pereira (2015) afirma que a medida governamental de ampliar o tempo da criança dentro da escola, com o ingresso da mesma aos seis anos no Ensino Fundamental e a obrigatoriedade da criança de quatro anos de estarem matriculadas na Educação Infantil, mostra o quanto o país tem buscado minimizar as desigualdades do acesso ao conhecimento entre as classes sociais.

Mesmo a Educação Infantil fazendo parte da primeira etapa da Educação Básica, o fazer docente para esta fase se encontra no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), como norteadores das ações pedagógicas. Também não existe livros didáticos para este nível de ensino, pois o investimento público se encontra voltados para outras áreas, como a ampliação de unidades educacionais. (PEREIRA, 2015)

As opiniões sobre o currículo na educação infantil têm causado alguns debates, pois, nem todos compartilham da mesma ideia de que se deve haver um currículo para esta fase da Educação Básica, sendo preferível usar terminologias como “projeto pedagógico” ou “proposta pedagógica”. Este projeto ou proposta pedagógica tem como propósito orientar as ações da instituição e definir metas que se pretende para o desenvolvimento das crianças que frequentam este ambiente, e as aprendizagens que se pretende promover.

Na Educação Infantil, a criança, mediada pelas experiências sociais, já produz saberes sobre a organização e sistematização do processo de escrita, cabendo, portanto, ações pedagógicas que promovam o confronto entre esses saberes e as regras e convenções da escrita, resguardando a identidade e cultura próprias da infância, optando por trabalhar com atividades de fundamento lúdico, envolvendo as crianças em brincadeiras com palavras (CAVALCANTI, 2014, p.40).

Dentro dessas propostas pedagógicas, o Livro Didático vem sendo adotado como um aliado no processo de alfabetização e letramento dessas crianças no último ano da educação infantil, tanto nas escolas privadas como em escolas públicas.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) não inclui os livros destinados à Educação Infantil. Desta forma, esses LDs que estão sendo utilizados dentro da sala de aula não passam por uma avaliação assim como os destinados para outros níveis de ensino.

CRUZ (2013, p.23) informa que foi realizado um levantamento tanto em escolas da rede pública como da rede privada em Recife, onde o uso dos livros didáticos por um lado é utilizado como recurso na sala de aula e por outro como apoio na elaboração de tarefas.

Cruz (2013) ratifica que o livro didático como um material impresso, estruturado, adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem.

[...] os livros didáticos são a principal fonte de informação impressa utilizada por parte significativa de alunos e professores brasileiros e essa utilização intensiva ocorre quanto mais as populações escolares (docentes e discentes) têm menor acesso a bens econômicos e culturais. Os livros didáticos parecem ser, assim, por parte significativa da população brasileira, o principal impresso em torno do qual sua escolarização e letramento são organizados e constituídos. (BATISTA ano 1999, apud CRUZ, 2013, p. 23).

Porém, essa decisão de adotar um livro didático para essa faixa precisa ser analisada de forma cuidadosa pelos professores e gestores da escola. Segundo BRANDÃO E SILVA (2017), uma das questões que contribuem para aquisição desse material seria para uniformizar o ensino, visto que não existe um currículo específico para a fase. O uso do livro contribuiria para que os conhecimentos necessários estivessem disponibilizados a todas as crianças. Dentro da mesma perspectiva, esse material pode ajudar aos professores que se sentem inseguros quanto a sua metodologia, se beneficiando das atividades propostas pelo livro. Em contrapartida, existe o outro pensamento de que o uso do livro didático na Educação Infantil limitaria as práticas pedagógicas dos professores em sala de aula, trazendo padronização e empobrecimento às experiências que poderiam ser vivenciadas nas escolas, tanto pelas crianças quanto pelos docentes. Assim,

As propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. (BRASIL, 2013, p. 93)

Com o mesmo pensamento sobre a questão do Livro Didático falado anteriormente, Moraes (2016), afirma que por questões da ausência curricular nacional (de conteúdo), os grupos privados passam a vender seus materiais para as redes públicas, ditando desta forma o tipo de ensino a ser adotado. Diante disso, os professores e gestores pedagógicos desconsideram a heterogeneidade dos alunos, desconhecendo a diversidade cultural.

Na concepção de Crislaine Boito et al (2016), após a análise dos livros didáticos voltados para o último ano da Educação Infantil, constatou-se que o tempo destinado ao uso deste material deveria ser diário, diante das recomendações dada ao professor dentro do próprio livro. O que parece é que a docência que os Livros Didáticos estão propondo é aquela que o professor desempenhe um papel apenas de aplicador da proposta pedagógica já definida, repassando os conteúdos que devem ser ensinados às crianças, definindo como deve ser a forma do professor trabalhar. A autora reafirma que o professor de criança não deve transmitir conhecimentos disciplinares de forma tradicional. Conforme esta autora:

O professor não pode trabalhar sem um senso de significado, sem ser um protagonista. Ele não pode ser apenas alguém – ainda que inteligente – que implanta projetos e programas decididos e criados por outros para “outras” crianças e para contextos indefinidos. O valor mais alto e a significação mais profunda residem na busca por senso e sentido que são compartilhados por adultos e crianças (professores e estudantes) ainda que sempre com a percepção integral das diferentes identidades e dos distintos papéis. (RINALDI, 2012 apud BOITO et al, 2016)

Para Boito et al (2016), o uso do Livro Didático se centraliza nos saberes das disciplinas e das áreas, numa escolha unidirecional dos saberes a serem transmitidos; dessa forma o professor passa a desenvolver um trabalho trivial, apenas seguindo aquilo que o livro recomenda, não valorizando aquilo que emerge da criança.

Aquilo que consta no DCNEI (2013), passa a ser negligenciado no que se refere aos elementos norteadores de uma pedagogia para crianças

pequenas - brincar, narrar, fantasiar, imaginar, desejar, questionar, construir sentidos e produzir cultura – anulando a autoria das crianças e até mesmo do professor. Ezequiel Silva (1996) trata a esse respeito:

[...] esse apego cego ou inocente a livros didáticos pode significar uma perda crescente de autonomia por parte dos professores. A intermediação desses livros, na forma de costume, dependência e/ou "vício", caracteriza-se como um fator mais importante do que o próprio diálogo pedagógico, que é ou deveria ser a base da existência da escola. Resulta desse lamentável fenômeno uma inversão ou confusão de papéis nos processos de ensino-aprendizagem, isto é, ao invés de interagir com o professor, tendo como horizonte a (re)produção do conhecimento, os alunos, por imposição de circunstâncias, processam redundantemente as lições inscritas no livro didático adotado (SILVA, 1996, p.11)..

### **1.3 Documento Curricular e o ensino da Língua escrita na Educação Infantil**

Para melhor compreensão daquilo que deve ser proposto para as crianças na Educação infantil é necessário, inicialmente, conhecer o que dizem os documentos oficiais.

No Brasil não havia uma uniformização de currículo conteudista para a Educação Infantil. O que se tinha eram propostas pedagógicas, projetos pedagógicos, em que se definiam metas que promoviam o desenvolvimento das crianças, cuja aprendizagem fosse ofertada às mesmas. Essas metas passam a ser regidas pelas diretrizes dos documentos oficiais voltados para Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para Educação Básica (DCN, BRASIL/SEB, 2013), Base Nacional Comum Curricular (BNCC, BRASIL/SEB, 2017) o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, BRASIL/SEB,1998). Ao pensar em currículo dentro da Educação Infantil, os Parâmetros Curriculares de Pernambuco (2019) tratam o currículo como um conjunto de habilidades, conhecimentos e valores, que visa uma formação integral aos sujeitos do processo educativo, trazendo compreensão de diferentes dimensões da vida e do ser social (p.17).

O RCN (1998) Educação Infantil foi visto como um avanço na educação infantil, pois procurou soluções educativas para superar a tradição das creches e as questões da antecipação da escolaridade das pré-escolas. Seu objetivo é trazer um guia de cunho educacional sobre os objetivos, conteúdos e

orientações didáticas para os profissionais que trabalham com as crianças de zero a seis anos, buscando respeitar a diversidade encontrada em cada instituição.

Para garantir o direito à educação para as crianças em 2010 foi consolidado o documento Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, cujo objetivo é o de que a educação das crianças em instituições necessita ser organizada de modo que os direitos das crianças sejam respeitados. Que elas possam descobrir e conhecer o mundo por meio das brincadeiras, atividades, trocas com os adultos e com os seus pares.

Apesar de todo o avanço teórico, as práticas encontradas dentro das instituições destoavam daquilo que sugeriam os documentos. Frente a isso, surgiram novas discussões que viabilizaram a criação de uma Base Nacional Comum. A BNCC (2017) sugere que as ações pedagógicas estejam voltadas para o desenvolvimento de competências. Com informações claras daquilo que o aluno precisa saber, levando em consideração a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores, assim como o que esse aluno deve saber fazer (com esse conhecimento, habilidades e valores) para resolver demandas complexas da vida cotidiana, no exercício da cidadania.

Dentro da educação infantil, a BNCC (2017) busca garantir uma educação de qualidade para todas as crianças, visando seis linhas de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, comunicar e conhecer-se (CAMPOS E BARBOSA, 2015). Desse modo, destacamos que o BNCC:

Está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2017, p. 40).

Os campos de experiências estão voltados para “o eu, o outro e o nós”, que abordam a interação das crianças com os pares e os adultos constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar. Constroem seu modo de pensar, participam de relações sociais e de cuidados pessoais, adquirindo sua autonomia e senso de autocuidado. O outro campo de experiência é o “corpo, gesto e movimento”, quando a criança passa a explorar o mundo, o espaço e os objetos que estão a sua volta. É por meio de diferentes linguagens que a

criança passa a se comunicar, identificam suas potencialidades e limitações. “Traços, sons, cores e forma” é outro tópico abordado, que contribui para que as crianças adquiram senso estético e crítico, conhecimento de si e dos outros.

O campo da “escuta, fala, pensamento e imaginação” trata a relação da criança com a cultura, incluindo a cultura escrita. Esta cultura, em sua grande maioria é apresentada dentro da Educação Infantil, quando as crianças passam a ter contato com diversos textos, possibilitando a construção de hipóteses sobre a escrita. Que inicialmente começam por rabiscos e garatujas, e com o conhecimento das letras passam a existir a escrita espontânea, mas já indicando a compreensão da escrita como sistema. E por último “espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, falam do convívio da criança com os diferentes espaços e tempo. As curiosidades são aguçadas durante a infância, sobre os animais as plantas, os diferentes objetos e texturas. E a educação infantil tem como papel promover as diversas experiências, possibilitar a investigação, buscar respostas para as indagações que surgirão.

Os três documentos trazem direcionamentos sobre a linguagem escrita, entretanto cada um a seu modo, sempre ratificando que o contato da criança com um ambiente letrado favorece a aprendizagem tanto da linguagem oral quanto à aquisição da linguagem escrita.

A partir da análise dos documentos, RCNEIs (1998), DCNEI (2009) e BNCC (2017), procurou-se destacar as concepções de cada documento sobre a criança, o papel do professor e da linguagem escrita. Visto que essas informações são importantíssimas no direcionamento dos profissionais ao trabalhar a linguagem escrita com crianças de zero a cinco anos.

#### **Quadro 1- Documentos da Educação Infantil: definições de criança, professor e língua/linguagem escrita**

	RCNEI	DCN	BNCC
<b>Criança</b>	(...) é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado	(...) é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina,	“(...) sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia,

	<p>momento histórico. As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. (BRASIL, 1998, p. 21)</p>	<p>fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2013, p. 97).</p>	<p>deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009).</p>
<b>Professor</b>	<p>É necessário que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. (BRASIL, 1998, p. 41)</p>	<p>A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita (BRASIL, 2013, p.93)</p>	<p>Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (p.39)</p>
<b>Linguagem escrita</b>	<p>Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensório-motoras. É, antes, um processo no qual as crianças precisam resolver problemas de</p>	<p>(...) o trabalho com a língua escrita com crianças pequenas não pode decididamente ser uma prática mecânica desprovida de sentido e centrada na decodificação do escrito. Sua apropriação pela criança se faz no reconhecimento, compreensão e fruição da linguagem que se usa para escrever, mediada pela professora e pelo professor, fazendo-se presente em atividades prazerosas de contato com diferentes gêneros escritos, como a leitura diária de livros</p>	<p>(...) o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já</p>

	natureza lógica até chegarem a compreender de que forma a escrita alfabética em português representa a linguagem, e assim poderem escrever e ler por si mesmas. (BRASIL, 1998, V. III, p. 122)	pelo professor, a possibilidade da criança desde cedo manusear livros e revistas e produzir narrativas e “textos”, mesmo sem saber ler e escrever. (BRASIL, 2013, p. 94)	indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (p.42)
--	--	--	---

Fonte: SILVA (2018 p.39)

Tanto o DCN (2013) quanto a BNCC (2017), destacam que o aprendizado da criança deve ser de forma espontânea, cujo contato com os diferentes gêneros textuais e ambientes letrados favoreçam esse aprendizado/aquisição da linguagem escrita. Entretanto, o documento do RCNEI (1998) afirma que o papel do professor como mediador dessa aprendizagem é muito importante, dado que cabe a ele esquematizar os conteúdos a serem trabalhados, favorecendo essa aprendizagem.

Dessa forma, a organização dos conteúdos de Linguagem Oral e Escrita deve se subordinar a critérios que possibilitem, ao mesmo tempo, a continuidade em relação às propostas didáticas e ao trabalho desenvolvido nas diferentes faixas etárias, e a diversidade de situações didáticas em um nível crescente de desafios. (BRASIL, 1998, p. 133)

O documento do RCNEI (1998) faz críticas aos métodos que valorizam a memorização e decodificação dos códigos, mas potencializa um trabalho organizado, cujo professor é o mediador. Aquele que contribui para o desenvolvimento das crianças, promovendo um ambiente que favoreça a aprendizagem das mesmas, valorizando as diferenças e potencialidades de cada criança. O documento ainda trata da importância da produção de textos, olhando o professor como escriba da turma, mostrando que a produção de texto é muito importante no desenvolvimento da escrita das crianças.

A rede pública se orienta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) para elaborarem seu planejamento anual, visto que esses documentos são mais detalhistas quanto ao conteúdo que vai ser abordado. A BNCC (2017) ainda é bem recente e vai ter algum tempo para adaptação tanto na rede pública quanto na rede privada. Enquanto isso, os professores se guiam pelos documentos que lhes são mais familiares.

O que deve ser levado em conta diante do que foi analisado nos documentos é a valorização à educação das crianças, assim como o respeito ao tempo de cada uma quando se fala da aprendizagem. O aprender brincando não desvaloriza a organização de conteúdos e planejamento elaborado pelo professor, ao contrário, apenas potencializa essa aprendizagem, visando que toda aquisição seja feita de forma prazerosa e divertida.

## **CAPÍTULO II - UM CAMINHO A SE PERCORRER**

Neste capítulo, descreve-se a natureza da pesquisa; o contexto em que ocorreu; a caracterização dos participantes; os instrumentos utilizados na coleta de dados, bem como os procedimentos para sua análise.

### **2.1 Natureza da Pesquisa**

Diante da tamanha complexidade que gira em torno do sistema de escrita alfabética (SEA) tanto para professores, quanto para as escolas, e por não haver um currículo com definições específicas para o ensino da escrita durante a Educação Infantil, muitas instituições adotam livros didáticos com o intuito de padronizar esse ensino, diminuindo o distanciamento pedagógico que possa ocorrer de um local para outro, ou ainda de uma escola privada para a rede pública. Ao estar ciente destas questões que envolvem o SEA, essa monografia teve como objetivo analisar os livros didáticos voltados ao último da educação infantil e as suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, bem como o que as professoras pensam sobre o uso desses materiais nas turmas da Educação Infantil.

Essa monografia teve como propósito analisar os LDs voltados ao ensino do sistema de escrita alfabética no último ano da educação infantil, na Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes. A pesquisa tem metodologia de cunho qualitativo. Pois buscou analisar as propostas de um livro didático para o último ano do Ensino Infantil, no que se refere ao ensino do sistema de escrita alfabética (SEA).

Quando se fala de uma pesquisa qualitativa, está sendo levado em consideração o que Minayo (2009) propõe:

A pesquisa qualitativa responde questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. [...] ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2009, p.21)

Para isso, utilizou-se da análise documental, que está relacionada à análise de um livro didático adotado no último ano da educação infantil – grupo 5. Para Marconi e Lakatos (2003) na “pesquisa documental a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se

denomina de fontes primárias” (p.174). Para isso, foi realizada uma pré-análise, na qual foram escolhidas algumas categorias para análise da coleção.

Ainda sobre as questões da pré-análise, pode-se dizer que a pesquisa sofreu a influência da perspectiva de Bardin (1977) quando a mesma afirma que a análise documental envolve um conjunto de operações que visam a representação de um conteúdo de um documento sob uma perspectiva diferente do original, promovendo a facilitação quanto a sua consulta e referenciação. Desse modo, tem-se que “o objetivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem [...]” (BARDIN, 1977, p 46).

Dentro dessa pré-análise foi organizado o material que compôs a pesquisa, elaborando indicadores que norteiam a interpretação final. Após codificar o conteúdo é necessário categorizá-los de forma sistemática, fornecendo uma representação simplificada do material bruto (BARDIN, 1977).

## **2.1 Universo Pesquisado**

A presente monografia está centrada na análise de um livro didático, destinado ao último ano da Educação Infantil. O livro didático escolhido foi da Coleção Descobrir e Aprender: Educação Infantil 5, Linguagem e Matemática, e, por fim, Natureza e Sociedade da Edições IPDH, edição renovada 2016. Esse LD foi adquirido por meio da coordenação de uma escola no município de Jaboaão dos Guararapes que os disponibilizou para a presente análise, visto que os outros municípios mais próximos não adotaram LD para esse grupo da Educação Infantil. Esse mesmo kit foi utilizado pelo município de Arapuan Pinheiros-CE, assim como em outros municípios no Estado do Ceará e no estado do Maranhão.

## **2.2 Sujeitos Pesquisados**

Apesar da pesquisa ter como objetivo o desenvolvimento de uma análise documental, o estudo se volta para um determinado grupo na Educação Infantil – o grupo 5. É importante ter conhecimento de como se desenvolve o aprendizado nessa faixa etária, auxiliando, dessa forma, o professor a escolher a melhor maneira de trabalhar com as crianças. O grupo 5 é composto por

crianças que estão na faixa etária de 5 anos de idade. Para Wallon (2011) essas crianças se encontram no estágio categorial, cuja afetividade é o fio condutor para o desenvolvimento. O aprendizado se dá muitas vezes por meio de trocas junto aos seus pares. Durante essa fase as crianças passam a imitar a quem admiram, e, na sala de aula, o personagem mais visado é o professor. Muitas delas passam a repetir as mesmas falas, os gestos e misturar a fantasia com a realidade ao brincar de escolinha. Essa dicotomia entre o faz-de-conta e a realidade, contribui para o aprendizado tanto dos direitos, quanto dos deveres, assim como a formação moral e ética da criança.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p.37)..

### **2.3 Metodologia de Análise**

A pesquisa foi pautada na análise documental. A coleção escolhida foi “Descobrir e aprender”, do último ano da Educação Infantil. A pesquisa possibilita um estudo sobre o uso dos livros didáticos voltados para o último ano da Educação Infantil (grupo 5), assim como suas possíveis contribuições para o processo de ensino e de aprendizagem do sistema de escrita alfabética (SEA). Traçamos como objetivo geral para a pesquisa, analisar os livros didáticos voltados ao último da educação infantil e as suas contribuições para o processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. Visamos estabelecer relação entre a proposta adotada nas atividades que a obra apresentava e o eixo de linguagem escrita exigidos nos documentos oficiais. Para análise do documento foram definidos os seguintes objetivos:

- Identificar e analisar as atividades voltadas ao ensino da leitura e da escrita;
- Identificar nos livros didáticos as estratégias de articulação entre as atividades voltadas ao ensino do SEA e as práticas de leitura e produção de texto.

## **CAPÍTULO III - ANÁLISE E AVALIAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

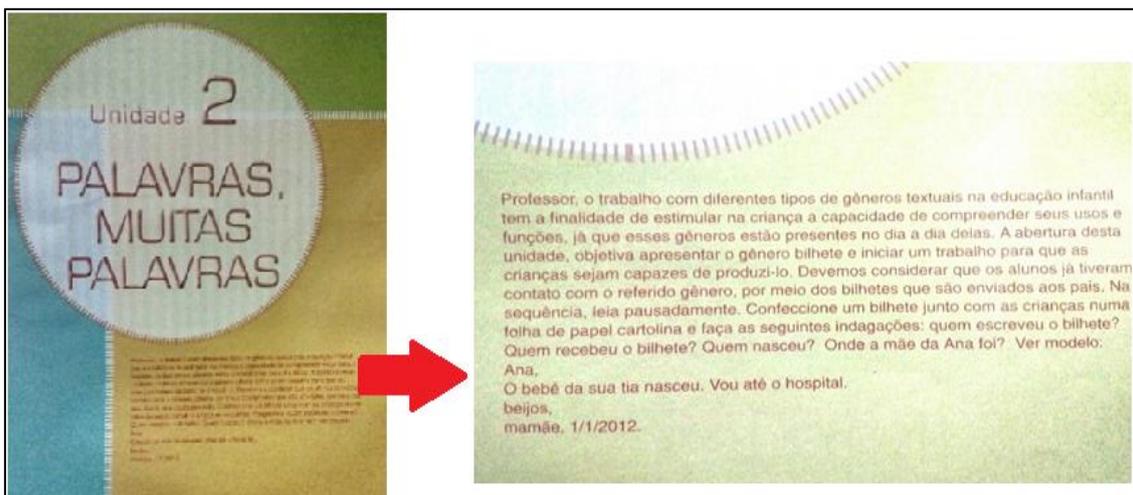
Entendendo as exigências dos documentos oficiais, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCN, 2013) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), foi realizada uma análise do livro didático da coleção, “Descobrir e aprender”, do infantil 5, com o objetivo de analisar as contribuições para o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

### **3.1 Estrutura geral da obra**

A coleção está dividida em dois livros didáticos; um com os componentes curriculares de língua portuguesa e matemática e o outro voltado para a área de natureza e sociedade. Em ambos os livros, as unidades estão subdivididas em quatro partes, constando em todas elas, as propostas de atividades que envolvem o ensino da linguagem escrita.

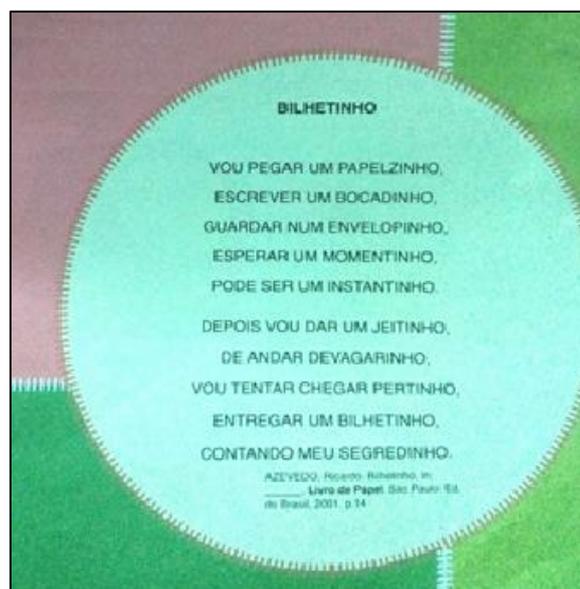
O Livro Didático, mais especificamente em relação ao ensino da linguagem escrita, está dividido em quatro unidades: a primeira intitulada “Muitos nomes, muitas descobertas”; a segunda “Palavras, muitas palavras”; a terceira “Para brincar e sonhar”; a quarta e última, “Era uma vez”. Em cada unidade há propostas de atividades voltadas ao ensino da linguagem escrita. No início de cada capítulo há um poema envolvendo o tema do capítulo; também constam instruções ao professor destacadas de vermelho, de como abordar, de modo geral, a temática dentro da sala de aula. Na primeira unidade as orientações estão voltadas para exploração dos nomes; na segunda unidade busca-se trabalhar a escrita de palavras por meio do gênero textual bilhete; na terceira unidade passa a utilizar o brincar, para que a criança possa apreender novos usos da linguagem; por fim, a última unidade introduz a criança no universo literário.

**Figura 1 - Imagem do Livro Descobrir e aprender**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.46)

**Figura 2 - Imagem do Livro Descobrir e aprender**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.47)

Ao longo das unidades, são realizadas propostas ao professor a fim de que realize outras atividades envolvendo os conhecimentos trabalhados na unidade. É importante destacar que as atividades propostas se utilizam da ludicidade e do brincar, incentivando o professor a disponibilizar o contato com diferentes gêneros textuais, como está sugerido nas diretrizes curriculares.

Atividades realizadas pela professora ou professor de brincar com a criança, contar-lhe histórias, ou conversar com ela sobre uma infinidade de temas, tanto promovem o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses

personais, quanto ampliam as possibilidades da professora ou professor de compreender e responder às iniciativas infantis. (BRASIL, 2013, p.93)

Porém, dentro dessa análise foi visto que houve preferência por alguns gêneros textuais, principalmente os que exploram o extrato sonoro da língua, tais como cantigas e poemas, mas as propostas de atividades que sucediam a leitura dos textos estavam relacionadas às questões de compreensão, a fim de localizar informações presentes nos textos. Não havia um trabalho sistemático de exploração das características do gênero e, principalmente, de análise fonológica a partir da brincadeira com as palavras presentes nestes gêneros textuais. Além disso, o livro didático apresentou muitos textos fragmentados, alguns desses textos não possuíam referências. As atividades de compreensão de texto priorizam a localização de informações. Além disso, não existe uma construção contínua das atividades voltadas para o ensino da linguagem escrita para que as crianças possam refletir sobre aquilo que o texto está trazendo, apenas as orientações dadas aos professores em algumas páginas trazem proposta para que as atividades sejam ampliadas.

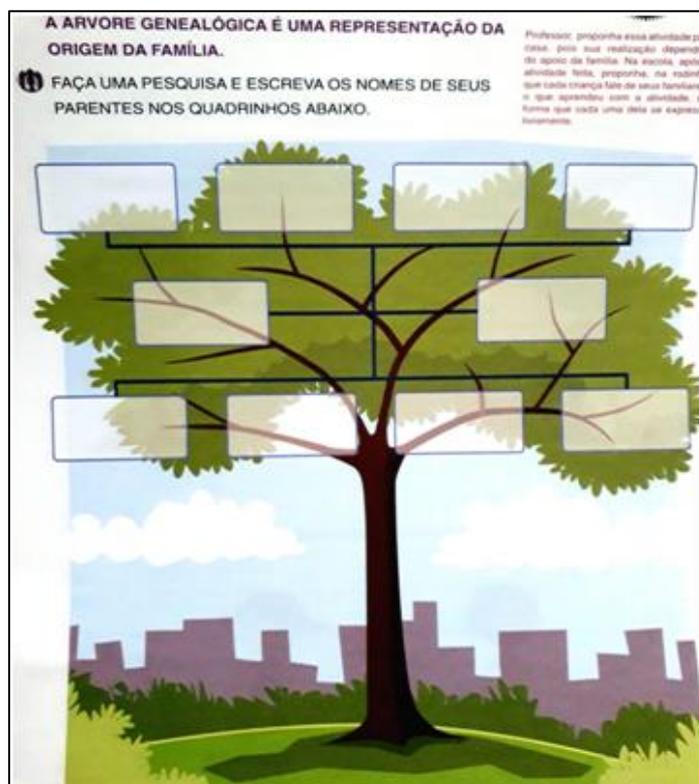
As seções do livro iniciam sempre com algum texto, que na maioria das vezes aparece de forma fragmentada. Antes de cada texto tem-se a orientação “ouça a leitura”, a partir disso, segue a atividade de compreensão de texto e de trabalho com a língua escrita.

Dentro do componente curricular de matemática também identificamos atividades que estão voltadas para aprendizagem da leitura e da escrita, mas de forma reduzida. Observamos que em praticamente todas as páginas, antes do início das atividades, sempre há um texto que aborda o tema que será trabalhado. Em algumas páginas existem informações ofertadas a (o) professor(a) para que amplie o texto e faça a leitura enfatizando os espaçamentos existentes entre as palavras, ou apenas para que o professor realize a leitura de algum texto. Observamos que dentro das páginas voltadas para a área da matemática foram abordados alguns gêneros textuais, como cantigas e músicas, a fim de realizar um trabalho interdisciplinar.

Na análise da coleção na área de natureza e sociedade foram identificadas diversas atividades que abordam a aprendizagem da escrita, num total de 37 atividades dentro de toda coleção. Em sua grande maioria essas

atividades são repetitivas, sem abordagens criativas e que não levam a criança a refletir sobre aquilo que está fazendo. A maioria das atividades está relacionada à escrita de palavras, muitas pedem a escrita do nome das crianças, ou da família, ou da rua em que moram. Da mesma forma como no livro, “Descobrir e Aprender”, componente curricular de Natureza e Sociedade, existem orientações aos professores de como abordar as questões da escrita nas atividades. O livro didático sempre procura trazer sugestões para a prática pedagógica do professor no que se refere ao sistema de escrita alfabética, com orientações que buscam estar alinhadas à BNCC (2017). Porém mesmo com essas orientações as atividades apresentadas na coleção encontram-se divergente daquilo que a própria BNCC (2017) estabelece. A seguir, na figura 3, é mostrada uma atividade do livro didático, componente curricular Natureza e Sociedade, cujo objetivo está envolvendo escrita de palavras. Nesse caso, vem pedindo para que a criança escreva o nome de seus familiares. Na outra imagem, figura 4, a sugestão é para que o estudante também realize atividade de escrita de palavras, desta vez escrevendo sobre o ambiente escolar

**Figura 3 - Imagem do livro Descobrir e aprender**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.28)

**Figura 4 - Imagem do livro Descobrir e aprender**

O NOME DA MINHA ESCOLA É

Professora, confesse-se feliz com o nome da escola que frequentará no dia a dia de todos os dias! Você vai gostar de escrever o nome da escola em português, inglês ou espanhol? Desenhe a escola que você quer estudar e escreva o nome da escola em português, inglês ou espanhol. Trabalhe com a compreensão da estrutura da gramática. Pergunte tudo o que quiser, observando para a atividade.

---

MEU (MINHA) PROFESSOR(A) SE CHAMA

---

ESTOU NA TURMA

---

MEU MELHOR AMIGO É

---

O QUE MAIS GOSTO DE FAZER NA MINHA ESCOLA É

---

O QUE MENOS GOSTO DE FAZER NA MINHA ESCOLA É

---

Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p. 49)

Em relação às questões gráficas a coleção está toda escrita em caixa alta, promovendo a legibilidade da leitura pela criança que está procurando compreender como funciona o nosso sistema de escrita. As páginas possuem diversas imagens, muitas delas bem coloridas, que buscam chamar a atenção dos estudantes. Segundo Casarini e Farias (2008), “a coerência com os padrões e recomendações de legibilidade e ergonomia é essencial para o devido aproveitamento do conteúdo informacional de um livro” (p.64). Esses requisitos são extremamente relevantes quando se trata de livros voltados para o público infantil. No próximo tópico serão realizadas análises das atividades encontradas na coleção do livro “Descobrir e aprender” que envolvem o sistema de escrita alfabético (SEA).

### **3.2 Análise das atividades que envolvem o ensino da língua escrita**

Na concepção de Brandão e Carvalho (2010) e de Moraes e Leite (2005) as atividades que são esperadas dentro da Educação Infantil que contribuam para a aprendizagem do sistema de escrita alfabético incluem a produção de textos (tendo o professor como escriba), leitura em voz alta de histórias e outros gêneros, recitar poemas, usar parlendas, rimas, cantigas de rodas e

trava-línguas. Todas elas podem ser trabalhadas em diferentes contextos e repetidas quando se acharem necessárias, podendo acompanhar a evolução da criança.

Para que haja um entendimento de como estão dispostas as atividades relativas à apropriação do SEA, elaboramos uma tabela (1) com a frequência das atividades ao longo da coleção. Na tabela podem ser vistas as atividades sendo divididas conforme o quantitativo de páginas, segundo cada componente curricular. Sendo abreviado pela letra inicial de cada componente, Linguagem escrita (L), Matemática (M), Sociedade (S), Natureza (N) e a totalidade das atividades com abreviação (T).

**TABELA (1) Atividades relacionadas ao SEA**

<b>Atividades relacionadas à apropriação do SEA</b>	<b>L</b>	<b>M</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>T</b>
	QUANTITATIVO DE PÁGINAS				
Identificação de letra	9		2		11
Identificação de palavra	5		2		7
Identificação de letra inicial	9				9
Formação de palavras a partir de letras dadas	2				2
Formação de palavra a partir de sílabas dadas	2				2
Escrita de palavras	38		22	15	75
Escrita de letra	4		22		26
Exploração do espaçamento entre as palavras	1				1
Diferenciação de letras de outras formas gráficas	1				1
Identificação de palavras que rimam	4			1	5
Contagem de sílabas	2				2
Contagem de letras	16				16

Cópia de palavras	1	1		1	3
Leitura de palavras	34	1	5	10	50
Diferenciar letras de números		1			1

Fonte: (Própria, 2019)

Diante do que pode ser visto por meio da tabela (1), pode-se identificar a proposta de atividades voltadas para apropriação do SEA. Primeiro, é preciso entender o que se espera encontrar dentro dessas atividades, para assim analisar se a coleção “Descobrir e aprender” contemplou essa expectativa quanto à aquisição do SEA.

Ao falar sobre atividades para as crianças na faixa etária de 4 e 5 anos de idade Brandão e Carvalho (2010) ratificam que essas atividades precisam contemplar alguns princípios do sistema de escrita alfabético, são eles:

- O sistema alfabético de escrita tem relação com a pauta sonora e não com as propriedades dos objetos;
- a escrita é feita de forma horizontal;
- o sentido predominante da escrita é da esquerda para a direita;
- são 26 símbolos (letras) para escrita dos textos verbais;
- na escrita alfabética, a correspondência entre escrita e a pauta sonora é realizada entre grafemas e fonemas e não grafemas e sílabas (BRANDÃO e CARVALHO, 2010, p. 147);
- as letras aparecem na escrita de acordo com à ordem que os fonemas são pronunciados na pauta sonora;

Ainda dentro daquilo que se espera para atividades que possam contribuir para aquisição do SEA, Morais (2005) afirma que a criança precisa compreender que a escrita é feita por letras e que as letras não podem ser inventadas, assim como letras, números e símbolos são diferentes. As letras possuem valores sonoros da mesma forma que existe espaçamento entre as palavras, “o sujeito precisa separar e contar oralmente as sílabas de palavras, identificar e produzir palavras maiores que outras, identificar e produzir palavras parecidas porque começam com a mesma sílaba ou rimam” (MORAIS, 2005, P.76). Com base no que foi observado as atividades do livro

didático abordavam algumas categorias que podem ser melhor explicadas a seguir:

1. O LD apresentou muitas atividades que contemplavam a escrita de palavras dentro do componente curricular de linguagem escrita, o que correspondia a 44% das atividades que estavam propostas. Isso sem mencionar os outros componentes curriculares, totalizando 75 atividades que contemplavam esta categoria. Quase não houve reflexão metalinguística.
2. Ao observar a tabela 1 pode ser identificado que os exercícios que contemplavam a consciência fonológica são quase inexistentes. Poucas tarefas que envolvem a identificação, comparação, produção, partição, contagens dos segmentos sonoros das palavras.
3. Em todo o LD, são poucas vezes que há uma recomendação para produção de escrita espontânea, o que fortalece o pensamento de que essa produção de escrita deve ser feita de forma única, sem possibilidade para erros.
4. A leitura de palavras também é uma categoria bem explorada dentro da coleção, num total de 50 exercícios que abordavam esse segmento. Porém essa leitura parte de uma expectativa de que os estudantes já tenham alcançado uma hipótese de escrita alfabética, possuindo total independência no ato de ler. No componente curricular de linguagem são encontradas 34 atividades voltadas para a categoria de leitura, dentro delas ainda existem exercícios que possuem textos que pedem o acompanhamento do estudante enquanto a leitura está sendo realizada pelo professor (8 solicitações de acompanhamento de leitura). Não que não haja atividades de leitura diversificadas que possibilitem a ampliação das palavras estáveis, entretanto é viável que exista uma construção dessa consciência da palavra e de suas unidades menores.
5. As atividades apresentam poemas, cantigas e músicas em toda coleção. Mas pouco se aproveita o conceito da consciência

fonológica, apenas se detêm ao reconhecimento de palavras no texto, ou trabalhar alguma letra específica mencionada no texto.

6. Sobre a categoria de exploração do espaçamento entre as palavras quase não se vê exercícios que estejam voltados para esse entendimento, aparecendo apenas uma vez em toda coleção.

Desde o início da coleção são apresentadas atividades para que a criança possa ouvir ou acompanhar a leitura de textos, posteriormente identificar palavras que aparecem no texto, ou informações contidas neles. Atividades voltadas ao trabalho com a escrita. Como pode ser observado a seguir na figura 5, cuja atividade pede para que a criança escreva o nome dos animais que aparecem no texto que foi lido. A figura 6 também vem com a mesma proposta de escrever palavras que já foram mencionadas no texto, não trazendo nenhuma reflexão sobre a palavra.

**Figura 5 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**

ACOMPANHE A LEITURA.

RELACIONAMENTOS

CÔMO É QUE PODE  
A CABRA GOSTAR TANTO DO BODE?  
QUE GRANDE AFEIÇÃO  
TEM A LEÃO PELO LEÃO?  
NÃO TIRA O PATO  
DA CABEÇA, A PATA!



BOGA, Hilda Cyrelli de. Relacionamentos. In: \_\_\_\_\_. *Travessuras*. São Paulo: Cobi, Editora Moderna, 2009. 11p.

1. QUEM GOSTA DO BODE? QUEM GOSTA DO LEÃO?

2. ESCRIBA AO LADO DE CADA GRAVURA O NOME DOS ANIMAIS QUE APARECEM NO TEXTO. OBSERVE A LETRA INICIAL DE CADA UM.

P

L

B

Professora, sempre as figuras que estão organizadas na atividade do livro. Para que as crianças possam as figuras identificando o nome animal de cada imagem e que possam as letras que começam cada nome. Quando ler o texto, sempre mostre as duas figuras com o nome que está escrito à direita de cada figura destacada.

Esta atividade avalia o conhecimento de correspondência fonológica nas crianças e registra o registro da aquisição das primeiras letras escritas e o aprendizado da relação entre as imagens e o texto. Na sequência, destaque a atividade.

Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.56)

**Figura 6 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**

DUÇA A LEITURA.

**A BONECA**

DEIXANDO A BOLA E A PETECA  
COM QUE AINDA HÁ POUCO BRINÇAVAM,  
POR CAUSA DE UMA BONECA,  
DUAS MENINAS BRIGARAM

DIZIA A PRIMEIRA "É MINHA!"  
"É MINHA!", A OUTRA GRITAVA,  
E NENHUMA SE CONTINHA,  
NEM A BONECA LERGAVA

BLAC, Gláucia Aparecida. In: Instituto Cultural Itaú. Cadernos Foco da Escrita. São Paulo: Itaú Cultural, 1996. 175.



1) POR QUAL BRINQUEDO AS DUAS MENINAS BRIGARAM?

2) OBSERVE AS IMAGENS E COMPLETE AS LETRAS QUE FALTAM NA CRUZADINHA.

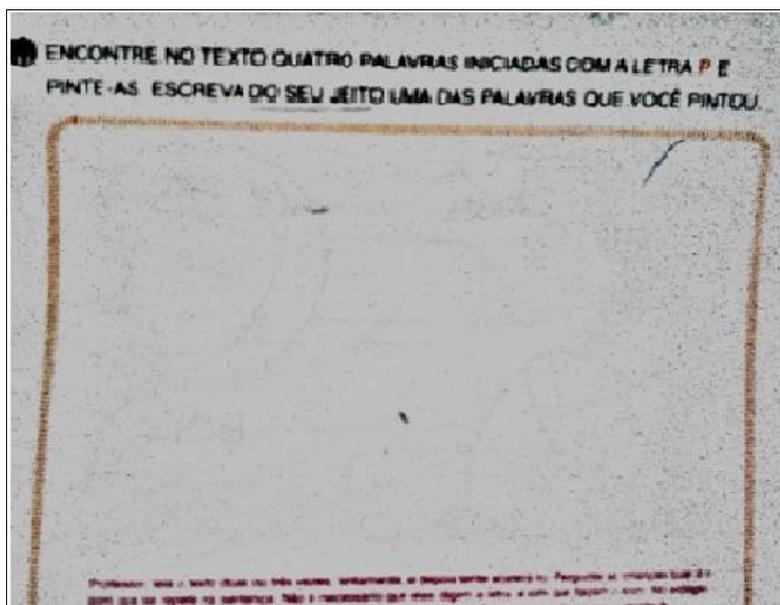


Professor, apresente o texto para uma criança. Faça a leitura para ela e depois o texto para a criança ler. Depois, peça para ela completar as palavras que faltam na cruzadinha. O que a outra criança disse? Faça o mesmo com a outra criança. Depois, peça para a criança ler o texto novamente.

Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p. 57)

Observa-se que no quadro, “Atividades relacionadas ao SEA”, a escrita de palavras apareceu com uma certa frequência, em toda coleção foram registradas 75 atividades. Na maioria dos exercícios eram dadas sugestões ao professor. Essas atividades de escrita apareceram de forma repetitiva. Escrita de palavra relacionada a algum nome mencionado no texto que foi lido, escrita do nome da criança, ou escrita de palavras dadas. São citadas poucas vezes que essa escrita pode ser feita pela criança de forma espontânea, deixando a cargo do professor a forma que poderá ser abordado ou exigir da criança essa escrita. A seguir um exemplo de atividade cuja solicitação de escrita pode ser realizada de forma espontânea.

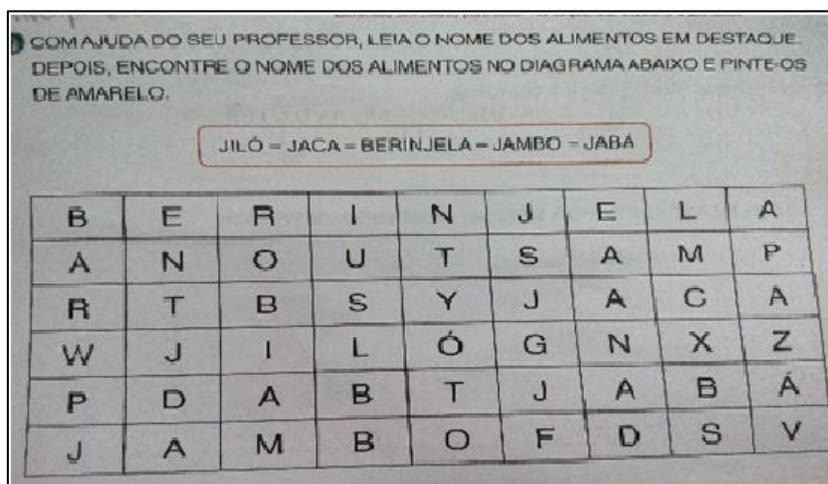
**Figura 7 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.69)

Outro ponto a ser observado é que o livro apresenta diferentes sugestões quando se trata da leitura de palavras. Para algumas atividades é necessário que a criança tenha conhecimento prévio de letras ou palavras para poder responder, como identificar nomes que estão escritos no texto, completar a cruzadinha, completar a palavra com letras que estão faltando. Como pode ser observado na imagem, figura 8. O enunciado já informa que o professor deverá ajudar na leitura das palavras que se encontram no quadro. Visto que o restante da atividade será realizada pela criança, esperando que a mesma consiga fazê-la de forma independente, apenas visualizando as palavras lidas pelo professor.

**Figura 8 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**



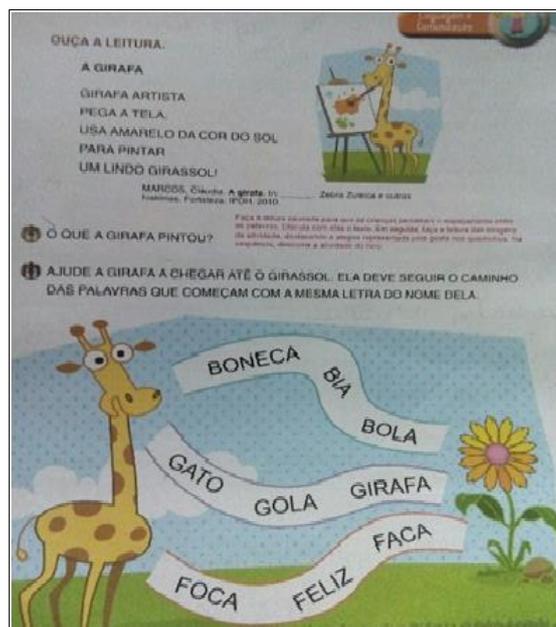
Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.84)

Pode até ser difícil conceber a ideia de que o livro proponha isto sem ao menos ter a certeza de que a criança consegue realizar essa leitura sozinha. Mas o que se percebe é que em algumas atividades o professor realiza a leitura e em outras essa leitura passa a ser realizada pelas crianças, pelo possível conhecimento das letras e de alguns nomes. Dessa maneira, algumas atividades propostas são para crianças que já compreenderam a lógica do SEA. Não há um trabalho sistemático envolvendo a análise fonológica, que deveria ser o foco do último ano da educação infantil, a fim de que a criança compreenda o que a escrita nota.

Aquino (2008) afirma que as atividades que abordam as questões da consciência fonológica tem um importante papel na aquisição na escrita alfabética. Atividades que estão pautadas na reflexão sobre os sons da fala e identificação de seus correspondentes gráficos, que se utilizem de jogos, leitura e exploração de textos rimados.

As atividades representadas a seguir demonstram as variadas abordagens que o livro traz sobre a leitura de palavras, trabalhando aliteração e leitura de palavras dadas. Não se trata apenas destas duas maneiras, mas sim a ideia de diferentes propostas que o livro expõe sobre essa categoria. Esse tipo de atividade trabalha o eixo da alfabetização, que de acordo com Brandão e Carvalho (2010) as crianças precisam de atividades que ampliem seu repertório de palavras estáveis. Assim, quando são apresentadas diferentes palavras iniciadas pela mesma letra, a criança aprende o nome dessa letra e a sua escrita.

**Figura 9 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.43)

**Figura 10 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.61)

Na figura 9, a atividade foi pensada de forma progressiva, pois foi solicitado a leitura sobre a girafa, pediu para que a criança localizasse uma informação no texto e posteriormente encontrasse o caminho das palavras que começam com a mesma letra do nome da girafa. Percebe-se que a leitura realizada foi solicitada por diferentes instruções. Já na figura 10 pode-se notar

o auxílio de imagens que facilitam o entendimento da criança na hora da leitura. Ela pode realizar associação entre a imagem e o nome. Nas duas atividades foram trabalhadas as aliterações, com intuito de ampliação de palavra estáveis da criança. Apresentando diferentes palavras que utilizam a mesma letra inicial.

Além da questão da apropriação do sistema de escrita alfabética, o livro propõe aos estudantes o contato com diferentes gêneros textuais, expandindo seus conhecimentos sobre a própria escrita. A BNCC (2017) fala sobre isso quando se refere à linguagem escrita nos seguintes termos:

Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2017, p.42)

Então, ressalta-se a importância desse contato com os gêneros textuais assim como a opção de o livro abordar estas questões. Mais à frente será apresentado um quadro com os diferentes gêneros utilizados pelo Livro Didático.

Ainda nessa mesma coleção também contém o componente curricular de Matemática, que traz atividades que trabalham com uma proposta voltada para o SEA. Segue um exemplo na imagem 11 de propostas envolvendo o ensino da língua escrita e da matemática.

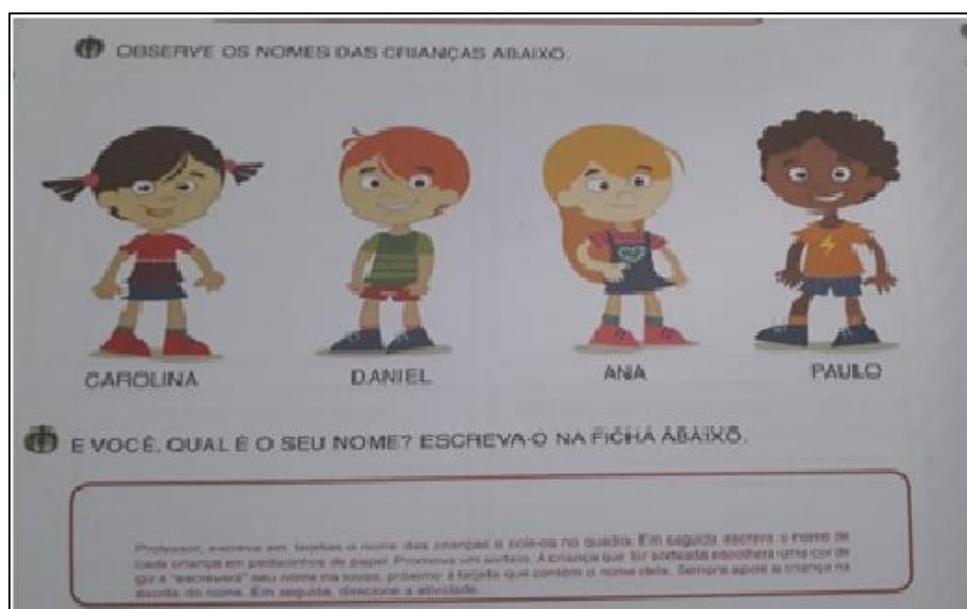
**Figura 11 - Imagem do livro Descobrir e aprender.**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.144)

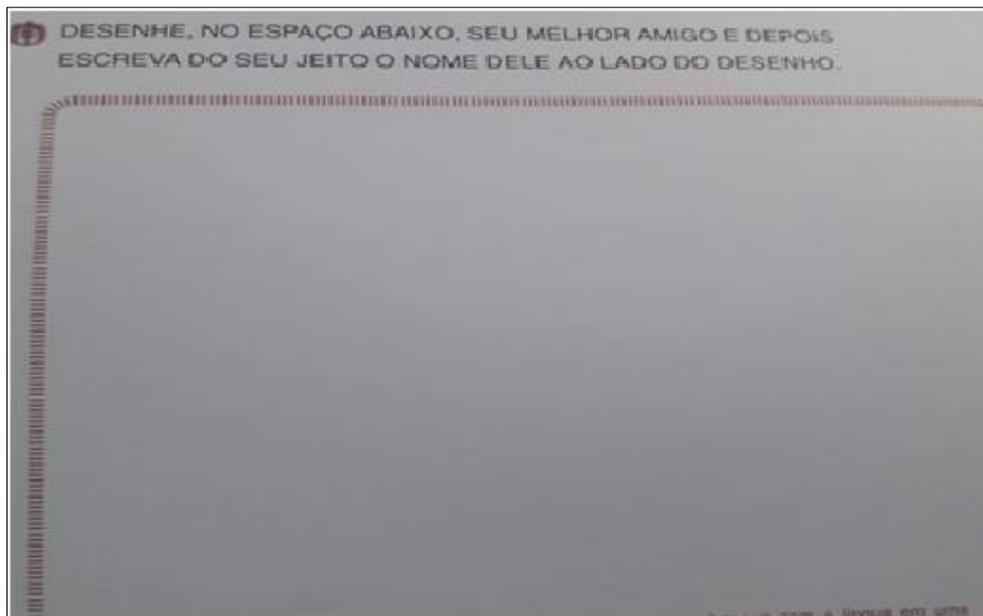
Ainda analisando a coleção, desta vez observando o outro livro com os componentes Sociedade e Natureza, também se identificou que existem atividades que contemplem o sistema de escrito alfabético. Muitas atividades que exigem a escrita da criança, poucas delas pedem para que seja feita de forma espontânea. De tudo que foi analisado, as atividades necessitam em sua maioria que a criança tenha um certo domínio na leitura para que a resposta possa ser concluída. Na área de sociedade vemos a seguir alguns destes exemplos que exploram a escrita.

**Figura 12 - Imagem do livro Natureza e Sociedade.**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p. 22)

### Figura 13 - Imagem do livro Natureza e Sociedade



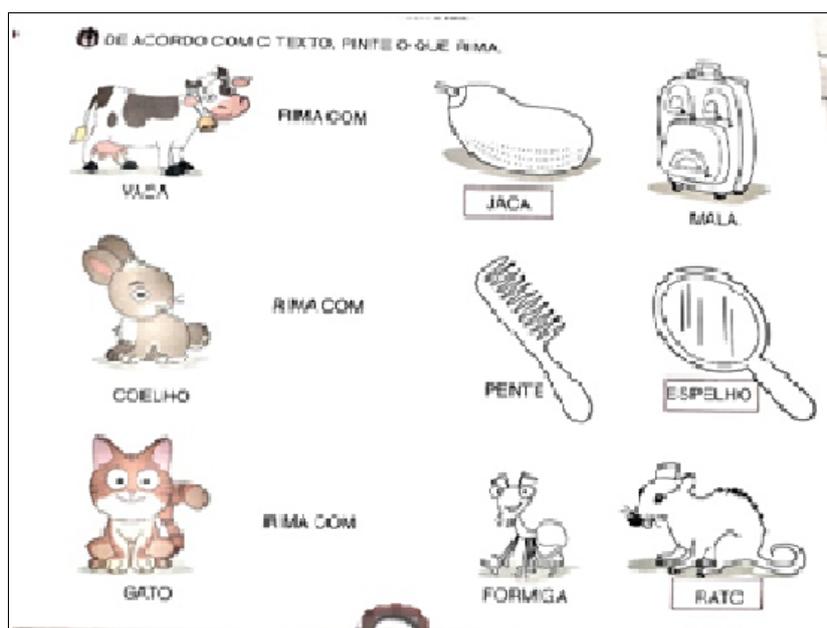
Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.29)

Tanto a figura 12 quanto a 13 a solicitação da escrita pode ser feita de maneira mais espontânea, como o próprio enunciado da figura 14 anuncia. Quando este tipo de proposta é feita entra em acordo com o que a BNCC está orientando no campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação”. Esse campo de experiência traz uma afirmativa que a criança desde cedo apresenta curiosidade sobre a cultura escrita, quanto ao ouvir histórias, acompanhar a leitura de textos, “desta maneira ela passa construir sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita” (BRASIL, 2017, p.42). “Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea” (BRASIL, 2017, p.50). Essa atividade explora uma escrita significativa para a criança, pois trabalha o seu nome que será registrado na tarefa, dando oportunidade para que ela desenvolva a leitura, assim como a sua funcionalidade.

Na atividade da figura 14, logo a seguir, foi contemplada a leitura de palavras e localização de informação, ampliando as possibilidades de se trabalhar a escrita com a criança.

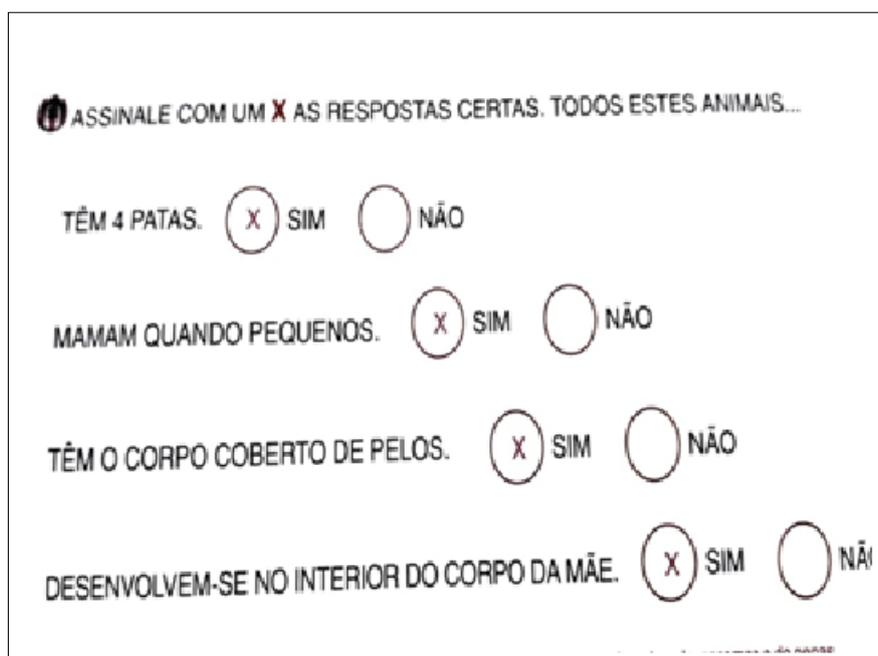


**Figura 15 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.133)

**Figura 16 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.122)

Como é visto nas figuras acima, em uma das atividades é trabalhada a identificação de rimas, aproveitando o conteúdo da área de natureza para executar uma proposta interdisciplinar dentro do SEA. Ao lado dela, a outra atividade consiste na possibilidade de leitura da criança para poder responder à questão.

A proposta interdisciplinar existe de fato nessa coleção, sempre buscando ampliar as atividades para a área da linguagem escrita. Entende-se que isso é feito principalmente no componente curricular de Sociedade pois a criança desde o nascimento participa de situações comunicativas e o contato com a linguagem escrita faz parte da cultura em que ela se encontra inserida. E como a área de Sociedade é voltada para conhecimento de si e do outro, as atividades são voltadas para esse entendimento. A BNCC no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” estabelece esse tipo de reflexão, “Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão” (BRASIL, 2017, p.49).

No tópico seguinte será apresentado como o professor deve trabalhar as atividades, assim como elaborar o seu planejamento diante daquilo que vai ser proposto no livro.

### **3.3 Trabalhando com o letramento**

A palavra letramento vem do latim *Literacy*, que indica condição, estado, fato de ser. Já na concepção inglesa, especificamente pelo *Webster’s Dictionary*, *literacy* pode ser definido como aquele que sabe ler e escrever (cf. SOARES, 2009). Em suma, *literacy* é o estado que assume aquele que consegue ler e escrever. Dentro disso encontra-se a condição de que o indivíduo consiga estabelecer o uso dessa leitura e escrita que envolve o grupo social em que está inserido. Há uma diferença entre ser alfabetizado e ser letrado, visto que o primeiro se trata do indivíduo saber ler e escrever, já o segundo é saber fazer o uso dessa leitura e escrita nas práticas sociais de leitura e escrita.

Para Brandão e Leal (2010) os dois eixos que devem permear os trabalhos é o eixo da apropriação do sistema alfabético de escrita (SEA) e o eixo do letramento. O primeiro procura atividades que promovam o entendimento dos princípios do SEA; já o segundo promove a aprendizagem dos diversos gêneros orais e escritos que circulam no meio social (BRANDÃO e LEAL, 2010).

As autoras baseiam-se em Vigotsky salientando que antes dos seis anos de idade a criança tem a capacidade de descobrir a função simbólica da

escrita, podendo iniciar a leitura no período de quatro a cinco anos de idade (BRANDÃO e LEAL, 2010). Mas esse aprendizado da escrita deve ser feito de forma significativa, mostrando a relevância para a vida.

Ante o exposto, a coleção trouxe textos que favorecem a alfabetização por meio do letramento, possibilitando a criança não apenas a aprendizagem do sistema de escrita alfabético, mas tornando-a capaz de se utilizar a leitura e escrita no meio social em que está inserida. Mesmo promovendo diferentes textos, a coleção faltou com informações sobre alguns gêneros textuais, não especificando-os. A seguir foi elaborada uma tabela (2), que apresenta os diferentes gêneros abordados durante a coleção. Sendo abreviado pela letra inicial de cada componente, Linguagem escrita (L), Matemática (M), Sociedade (S), Natureza (N) e a totalidade de gêneros com abreviação (T).

**Tabela (2) – Textos propostos ao longo da coleção**

<b>CATEGORIAS DO LIVRO DIDÁTICO</b>	<b>L</b>	<b>M</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>T</b>
	<b>QUANTITATIVO DE PÁGINAS</b>				
Poema	7	3	3	6	19
Rótulo	2				2
Trava-língua	5	1			6
Parlenda	4	1	1	2	8
Música	4	4	3	9	20
História em quadrinhos (HQ)	1				1
Cantiga	5	10			15
Verbetes	1				1
RG, Carteira de estudante	1				1
Outdoor	1				1
Convite	1				1
Adivinhações	5	1	1	1	8

História adaptada – Fábula	1				1
História adaptada – Literatura	1				1
História adaptada – Conto	1				1
Texto fragmentado (poema, parlenda, adivinhações)	9	11	6	5	31
Texto não identificado	1			3	4
Reconto	2				2
Verbetes		1	5	12	18
Certidão de nascimento			1		1
Cordel			1		1
Placa de trânsito			1		1
Bilhete			1		1
Reportagem			1		1
Cartaz			1		1
Tutorial				3	3
Conto				1	1
Poema				2	2

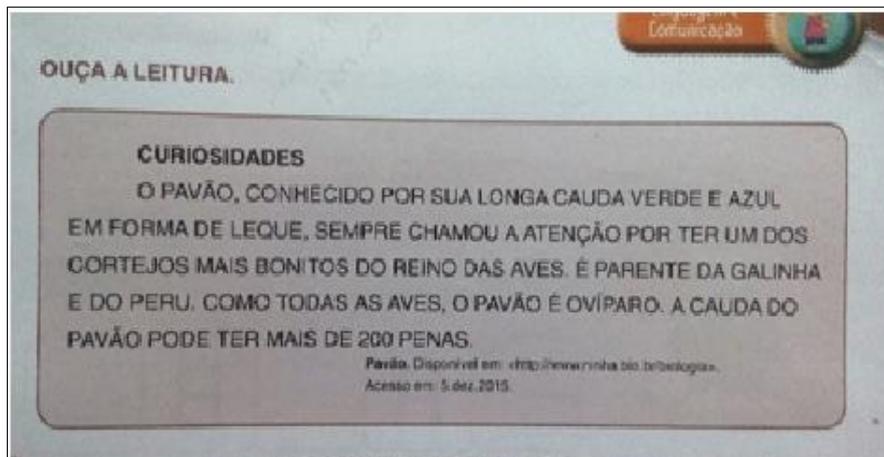
Fonte: (Fonte: (Própria, 2019)

Entendendo a proposta do livro é necessário observar quais textos foram apresentados pelos autores do livro didático, buscando atender as demandas dos documentos oficiais. Girão e Brandão (2010) afirmam que crianças nessa faixa etária são capazes de reconhecer gêneros textuais, e em alguns casos, os diferentes usos na sociedade. De acordo com A BNCC (2017), no que envolve o eixo da leitura a criança precisa folhear livros, buscando se guiar pelos temas e ilustrações no intento de reconhecer as palavras que aparecem no decorrer da leitura. “Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de observação gráfica e/ou de leitura” (BNCC, 2017, p.50). Como pode ser observado na tabela 2, a coleção do livro didático trouxe diferentes gêneros

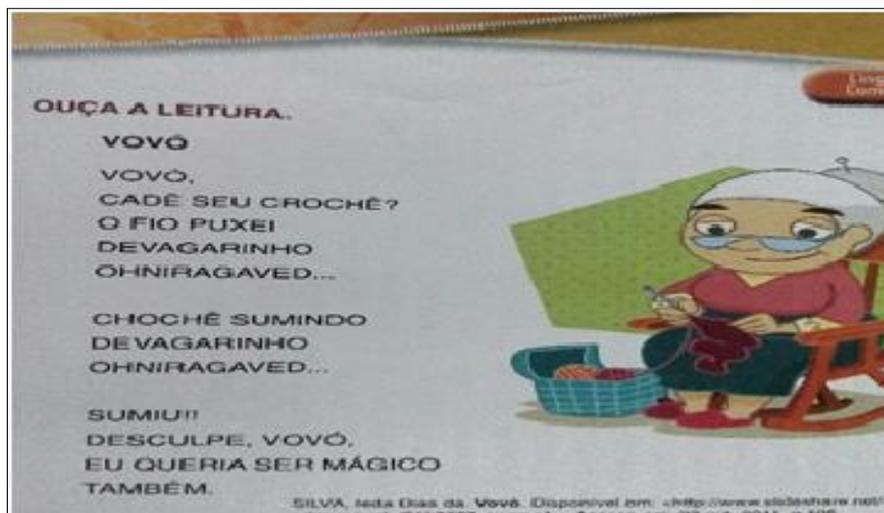
textuais para poder ser trabalhado nos exercícios, cabendo ao professor expor esses gêneros de forma significativa para o melhor aprendizado da criança.

Nas figuras a seguir são apresentados alguns gêneros textuais que estão distribuídos na coleção.

**Figura 17 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.111)



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.117)

**Figura 18 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.99)

Na figura 17, o texto de natureza informativa, retirado de um blog de ciências. A figura 18 trata-se de um poema, diferente de outros, o entendimento deles precisam ser auxiliados pelo professor, pois nem todas as crianças possuem a facilidade quanto a compreensão daquilo que está escrito no texto. A figura 20 é bem conhecida no contexto infantil, pois trata-se da história em quadrinhos infantil, a Turma da Mônica. “Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.” (BNCC, 2017, p.50).

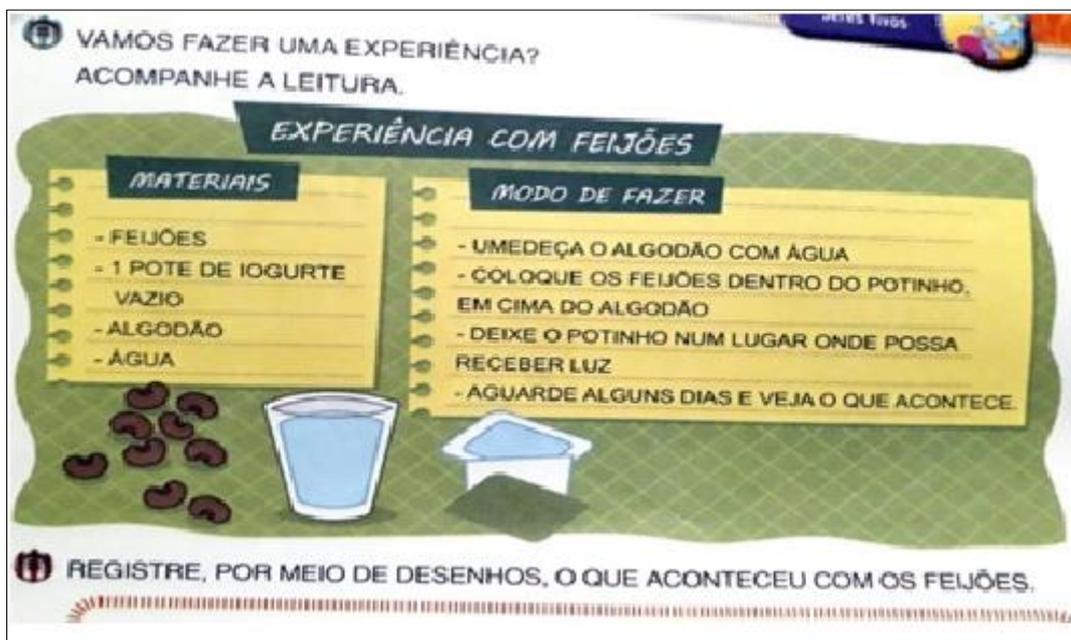
Assim apresentando diferentes textos escritos a criança pode inteirar-se das relações sociais em que estão inseridas, da mesma forma, apropriando-se da escrita.

Os meninos e meninas pré-escolares distinguem entre registros formais e cotidianos, entre diferentes gêneros, e são capazes de relacionar essas diferenças com as modalidades oral e escrita. Reconhecem e produzem as formas discursivas associadas à linguagem escrita mesmo antes de serem capazes de ler ou de escrever por si próprias. (TEBEROSKY e RIBERA, 2004 . p. 63)

Soares (2009) declara que o letramento é a habilidade de colocar em prática aquilo que é lido em diferentes demandas de leitura. A coleção mesmo

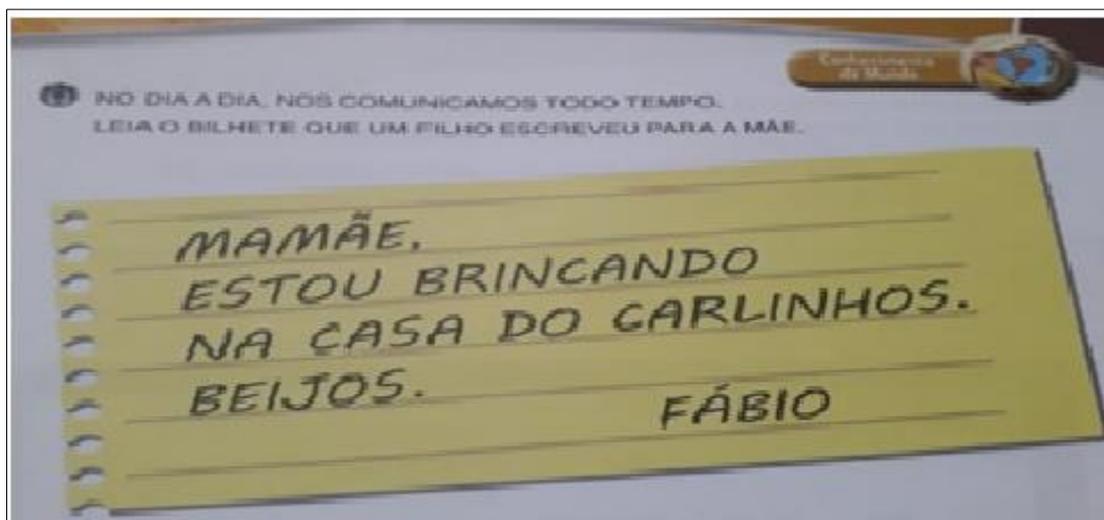
que muitas vezes traga alguns textos fragmentados, em sua maior parte buscou incluir essas diferentes demandas para que as crianças pudessem se utilizar disso no seu aprendizado.

**Figura 19 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.83)

**Figura 20 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.162)

As duas imagens acima retratam a interdisciplinaridade abordada na coleção, em trabalhar a temática do componente curricular atrelada a situações que competem o uso do gênero textual, no primeiro caso gênero textual tutorial

e no segundo o gênero textual bilhete. Entendendo que a criança precisa não apenas ler, mas compreender os diferentes textos, a coleção traz essa variação em todos os livros.

Na análise sobre as questões referente ao letramento, relacionar com o que deveria ser trabalhado na educação infantil e o que é priorizado no livro.

Ainda dentro da perspectiva de Soares (2009):

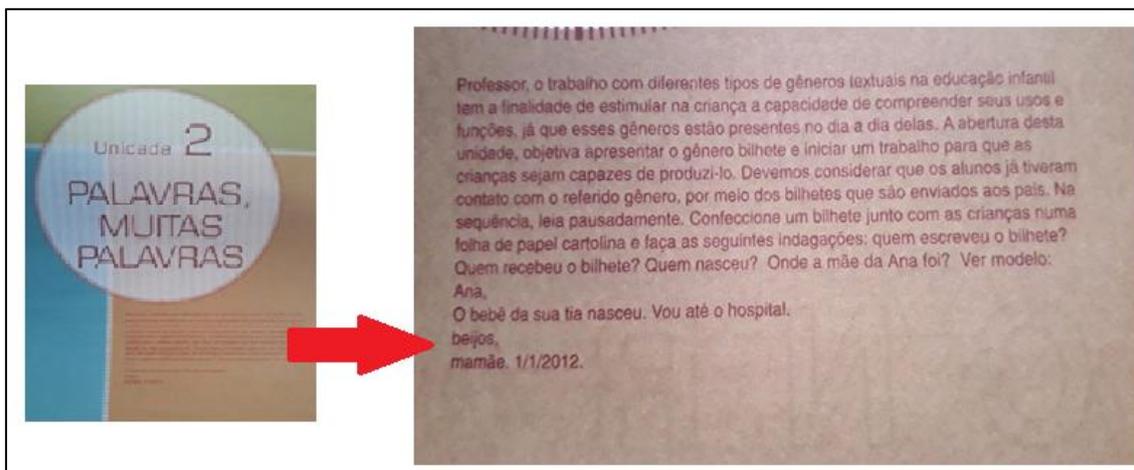
Desse modo, a leitura estende-se da habilidade de traduzir em sons sílabas sem sentido a habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequências de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas, e, ainda, a habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de monitorar a compreensão e modificar previsões iniciais quando necessário, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo. (p. 69)

### **3.4 Descrição da proposta para o professor**

Ao iniciar cada capítulo, sempre há uma orientação sobre a temática que será trabalhada durante a unidade. Essas orientações são pautadas em cima do que é definido na BNCC (2017), “promover o desenvolvimento da criança utilizando o brincar, incentivando a expressividade oral e escrita do estudante, expor diferentes gêneros textuais com intuito de estimular a capacidade de compreensão de seus devidos usos no cotidiano delas” (BRASIL, 2017).

A seguir, a figura 23 mostra a capa da imagem da unidade 2, “Palavras, muitas palavras”, do componente curricular de linguagem, cuja as recomendações para o professor estão ampliadas para melhor compreensão. Essas recomendações estão voltadas para a importância dos gêneros textuais na educação infantil.

**Figura 21 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



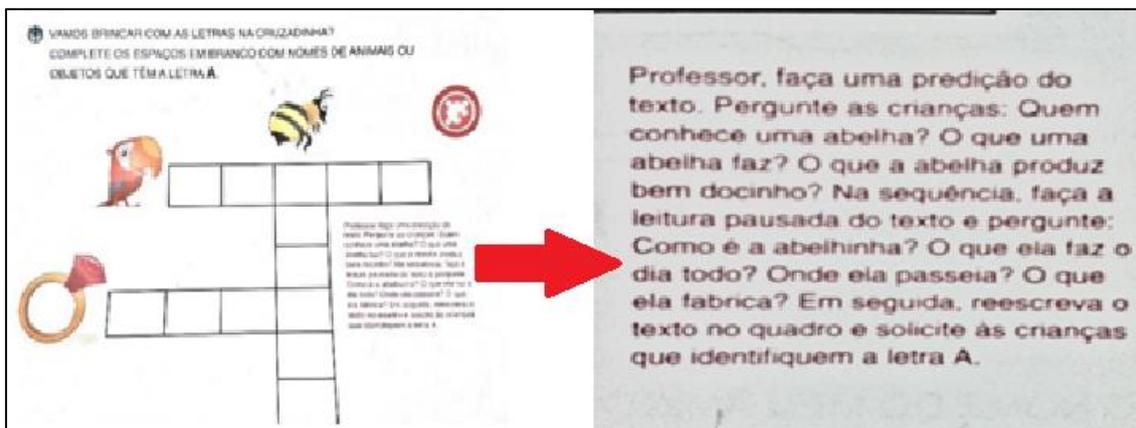
Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.46)

Diante das recomendações que são apresentadas ao professor, é necessário observar o que a BNCC (2017) estabelece para que o docente trabalhe com as crianças.

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. (BRASIL, 2017, p.42)

No livro, em cada página, como já exposto anteriormente, há uma sugestão para o professor aplicar junto à atividade que vai ser trabalhada, para melhor aproveitamento daquilo que vai ser apresentado. Essas sugestões podem estar relacionadas à proposição de materiais didáticos extras, como propostas de brincadeiras populares para brincar com as crianças, dentro do contexto da aula, ou ampliação de palavras que estão dentro do texto, para facilitar a visualização por parte das crianças. O professor também pode trazer estratégias de leitura que facilitem a compreensão do que vai ser proposta, estabelecendo um sinergia com a BCC (2017) quando tem como objetivo de aprendizagem da criança nessa faixa etária “argumentar e relatar fatos oralmente, em sequência temporal e causal, organizando e adequando sua fala ao contexto em que é produzida.” (p.55). Um exemplo disso pode ser observado na imagem abaixo:

**Figura 22 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**

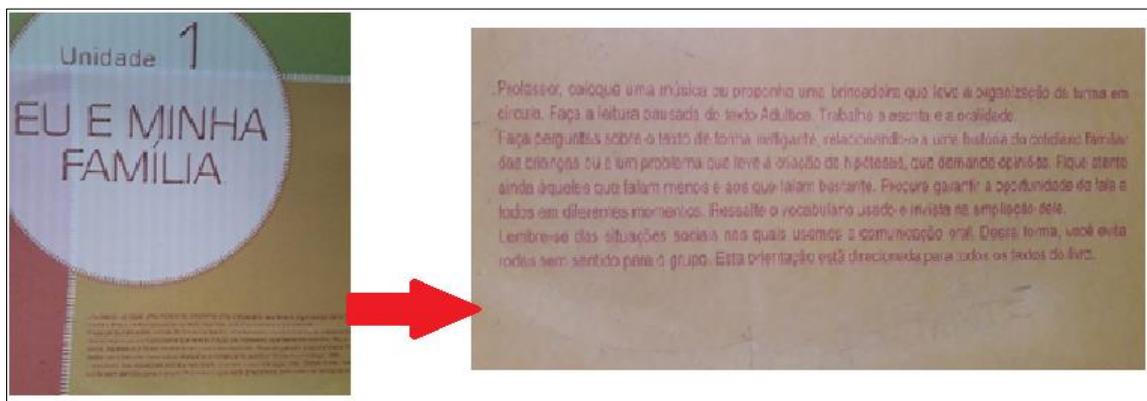


Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.35)

Ao analisar o outro livro da coleção cujo conteúdo é do componente curricular de natureza e sociedade, pode-se observar que as orientações também permeiam o campo da linguagem escrita. Logo no início da unidade 1 (um), há uma recomendação para o professor, para que o mesmo utilize estratégias de leitura em seu planejamento, elaborar brincadeiras e músicas fazendo inclusão de leitura de textos. A BNCC (2017), traz para faixa etária das crianças de 4 e 5 anos de idade como objetivo de aprendizagem, “levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea” (p.50), assim como a produção de histórias tanto orais quanto através de uma escrita espontânea, em contextos sociais significativos.

A figura 23 tem 2 imagens, mas que possui o mesmo conteúdo, pois uma foi ampliada para melhor visualização da recomendação referida ao professor.

**Figura 23 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.16)

Logo nas primeiras atividades analisadas, verificou-se que já havia recomendações para que o professor realizasse atividades de escrita com o nome das crianças. No decorrer do livro as informações voltadas para o professor na contribuição do sistema de escrita alfabética são bem escassas, visto que existe um grande número de atividades de escrita de palavras, sem que haja nenhum trabalho sobre as partes dessa palavra.

A seguir foi elaborada uma tabela (3), que apresenta as recomendações e orientações para o professor sobre o sistema de escrita alfabético. Sendo abreviado pela letra inicial de cada componente, Linguagem escrita (L), Matemática (M), Sociedade (S), Natureza (N) e a totalidade de gêneros com abreviação (T).

**Tabela (3) - Recomendações e Orientações para o professor sobre o SEA**

<b>Orientações para o professor sobre o SEA</b>	<b>L</b>	<b>M</b>	<b>S</b>	<b>N</b>	<b>T</b>
	QUANTITATIVO DE PÁGINAS				
Escrita de palavras	11	1	4	1	17
Diferenciação de letra e outras formas gráficas	1		1		2
Identificação de palavra	10				10
Identificação de letra	8		3		11
Separação de palavras	7	5			11
Formação de palavra	1				1
Contagem de letra	2				2
Identificação de palavras que rimam	3			1	4
Leitura de palavras	5	1	6	4	16
Leitura de letras	1	1			2
Contagem de sílabas	1				1
Contagem de palavra	1				1

Direcionamento da escrita		1			1
Escrita de letra			1		1
Cópia de palavra				1	1

Fonte: (Própria, 2019)

### 3.5 Sugestões ao professor

Em cada capítulo e página do livro didático existe uma recomendação dada ao professor, tanto como complemento da atividade que está sendo proposta pelo livro quanto apenas para promover o brincar dentro das atividades. A BNCC (2017) comenta a função do educador e o seu papel dentro da sala de aula:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. [...] Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, x espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BRASIL, 2017, p.39)

Nessa perspectiva buscou-se organizar a distribuição dessas reflexões oferecidas ao professor no que se refere à aquisição do sistema de escrita alfabética.

A seguir foi elaborada uma tabela (4), que apresenta os encaminhamentos para o professor sobre o sistema de escrita alfabético. Nessa tabela só foi privilegiado o componente curricular de linguagem.

**Tabela (4) - Encaminhamentos para o professor em relação à reflexão sobre a escrita**

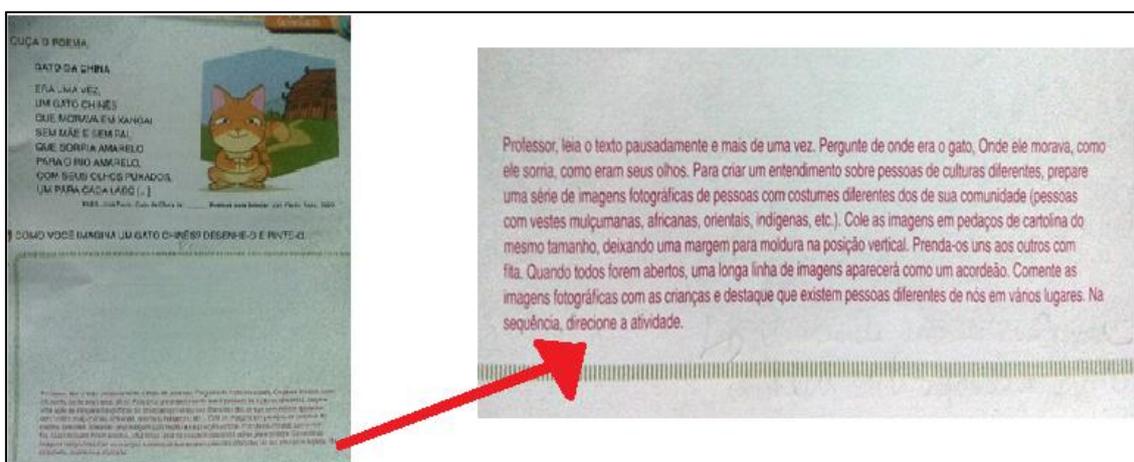
<b>CATEGORIAS DO LIVRO DIDÁTICO</b>	<b>Quantitativo de páginas</b>
<b>Componente curricular Linguagem escrita</b>	
Leitura feita pela professora	14
Hipótese de escrita	1
Conversa sobre a importância do nome	4

Escrita do nome	3
Apropriação do gênero textual RG	1
Apropriação do gênero textual outdoor	1
Apropriação do gênero textual convite	1
Apropriação do gênero textual parlenda	1
Conhecimento do gênero textual receita	1
Identificação do nome	3
Brincadeira – BINGO	3
Brincadeira – DIVERSAS	9
Brincadeira – ADIVINHAÇÃO	6
Brincadeira – TRAVA-LÍNGUA	1
Rimas	1
Ditado	1
Espaçamento entre as palavras	5
Compreensão textual	1
Consciência Fonológica	5
Separação de sílabas	1
Proposta sobre o campo do conhecimento: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações	1
Práticas de leitura	1
Criação de um livro	1

Fonte: (Própria, 2019)

Percebe-se que nem todas as categorias de reflexão para o professor coincidem com a atividade em si. Muitas delas vêm para complementar a atividade, buscando contextualizar com aquilo que o exercício aborda.

**Figura 24 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**

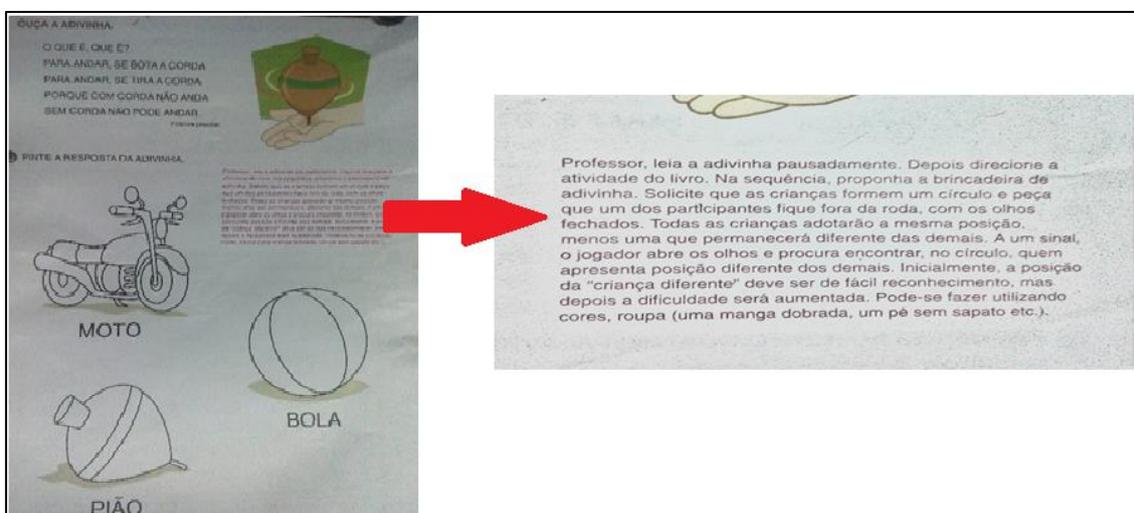


Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.94)

Nesta atividade, as reflexões ao professor giram em torno de complementar a atividade, ampliando o conhecimento de mundo do estudante. Nada diretamente de como ele irá trabalhar o que está sendo pedido no exercício, mas apenas uma forma de contextualizar o que foi proposto na atividade.

Uma das propostas para o professor é o brincar. Há no livro algumas sugestões de brincadeiras que podem ser realizadas com os estudantes, sendo brincadeiras populares, até jogos que incentivam o cognitivo das crianças. Este assunto será comentado no próximo tópico com maior profundidade. Um exemplo sobre um tipo de sugestão em relação ao brincar está demonstrado a seguir:

**Figura 25 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.70)

Alguns jogos com linguagem promovem a compreensão da escrita alfabética na Educação Infantil. Esses jogos são conhecidos como brincadeira de palavras, segundo Leal e Silva (2010). Esses jogos podem se tornar rotina dentro das classes da Educação Infantil, levando as crianças a refletirem de forma lúdica sobre as dimensões sonoras e escrita das palavras. Não que esses jogos servirão para alfabetização precoce na Educação Infantil, mas como um ensejo para que as crianças aprendam sobre as palavras enquanto brincam (LEAL e SILVA, 2010).

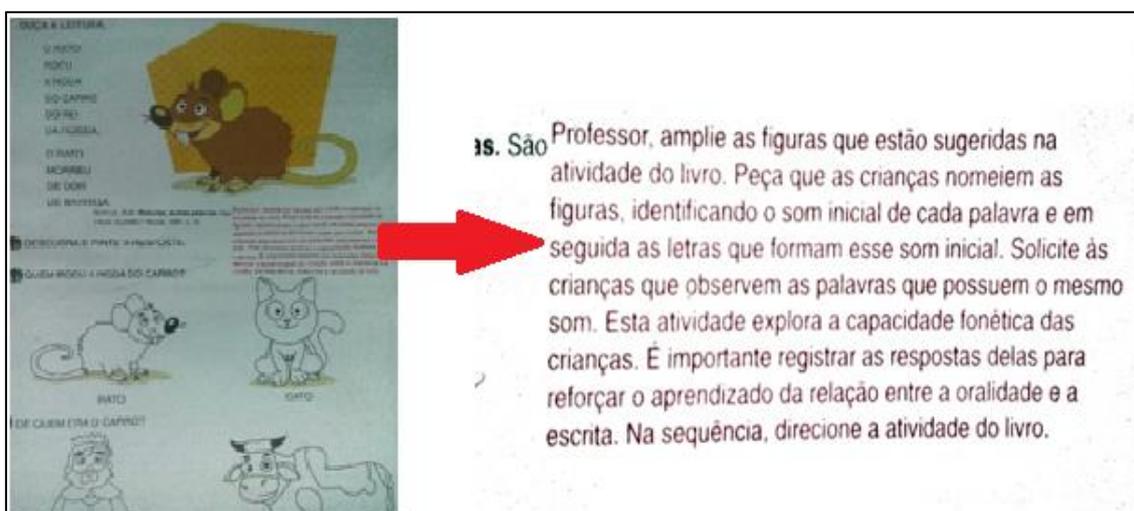
**Figura 26 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**

Professor, leia o texto pausadamente, direcione a atividade do livro e, na sequência, peça para as crianças sentarem em círculo. Proponha um “jogo de palavras”. Comece o jogo dizendo uma palavra para a criança sentada à sua direita. A criança deve dizer uma palavra que rime com a sua palavra ou mudar a palavra para uma nova. Continue o jogo até que todos tenham a sua vez.

Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.77)

Uma reflexão muito importante é sobre a consciência fonológica. As autoras do livro didático buscaram contemplar esta categoria ao sugerir formas de o professor trabalhar isso dentro da atividade em questão.

**Figura 27 - Imagem do livro Natureza e Sociedade**



Fonte: MONTEIRO et al. (2016, infantil 5, p.60)

Para Magda Soares (2018), as crianças são capazes de perceber semelhanças entre segmentos sonoros de palavras, se orientando não pelo significado da palavra, mas sim pelos aspectos fonológicos.

Entretanto, se se pensa em termos de orientação da criança para a progressiva compreensão do princípio alfabético, atividades com rimas e aliterações, frequentes na educação infantil, e fundamentalmente de natureza lúdica, além de desenvolverem a consciência fonológica, podem também despertar a criança para a possibilidade de segmentação da cadeia sonora, levando-a a identificar o “pedaço” da palavra que corresponde à rima, ou sílaba que se repete no início de palavras que terminam ou começam com o mesmo som, destacando-se a correspondência de segmentos orais com a mesma sequência de letras, essas atividades ainda podem já introduzir a criança na compreensão do princípio alfabético: mesmo sons correspondem às mesma letras. (SOARES, 2018, p.184)

### 3.6 O Brincar e as interações ao longo da coleção

Compreende-se que o brincar é algo histórico e que a suas ações são modificadas ao longo do tempo. As brincadeiras na sua grande maioria permanecem as mesmas, porém com nova roupagem, contextualizando com o tempo real em que se está brincando. Normalmente essas brincadeiras são passadas de geração em geração, sendo enraizadas numa perspectiva sociocultural. É através do brincar que as crianças absorvem a cultura do ambiente em que se encontram inseridas, as práticas sociais desse meio, o que inclui a leitura e escrita.

A brincadeira, forma privilegiada de a criança se manifestar e produzir cultura, é o elemento central para a constituição da ação educacional e deve ser entendida como fonte de conhecimento sobre a criança e sobre seu processo de apropriação e de produção de cultura (BAPTISTA, 2010, p. 02).

Leal e Silva (2010) também tratam o brincar como uma cultura lúdica, cujo ato de brincar produz cultura, e a criança é coparticipante dessa produção. As autoras defendem que o adulto tem papel fundamental no desenvolvimento dessa atividade social da infância. Pensando nessa direção, elas trazem a reflexão sobre o conceito de Vigotsky – a relação da zona de desenvolvimento proximal, que trata o nível de desenvolvimento real e o potencial, sendo esse potencial a capacidade de desenvolvimento da criança com ajuda de um adulto ou de seus pares mais experientes.

Entendendo a importância do apoio do adulto nas brincadeiras infantis, compreende-se que o brincar livre e espontâneo contribui no desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança (LEAL e SILVA, 2010, p.54).

As crianças, nas suas interações com os seus pares e com os adultos, estabelecem processos comunicativos configuradores dos seus mundos de vida. A análise das gramáticas das culturas da infância permite-nos interpretar o jogo simbólico como um processo ativo de interpretação, compreensão e intervenção na realidade social. (ARAÚJO, 2017)

A coleção traz diferentes propostas de brincadeiras para serem abordadas pelo professor antes ou depois das atividades ou dos conteúdos que serão abordados. Muitas dessas brincadeiras são bem populares entre as crianças, como amarelinha, a da cadeira, de mímica, pula corda. Outras brincadeiras são voltadas para o faz-de-conta e jogos simbólicos, cujo intuito é que a criança desempenhe diferentes papéis, não se preocupando em realizar uma réplica perfeita. Segundo Bomtempo (2003), “[...] jogo imaginativo, jogo dramático, jogo de faz-de-conta, jogo de papéis ou jogo sociodramático – contudo a essência destas atividades encontra-se na “simulação” [...]” (p.498).

Outras propostas sobre o brincar estão voltadas para aprendizagem da leitura e escrita, como o jogo de bingo de palavras, adivinhações, elaboração de rimas, são conhecidos como jogos didáticos. Esse tipo de brincadeiras além de trazerem diversão também contribui para o desenvolvimento da criança. As orientações destinadas ao professor com o objetivo de ajudar no seu

planejamento, utilizando os jogos didáticos, devem ser pensadas com fins de aprendizado de conteúdos curriculares.

Além dessas brincadeiras mencionadas, a coleção ainda trouxe aquelas que envolvem cantigas, músicas, parlendas e poemas, cujo enriquecimento da oralidade e escrita da criança podem ser evidenciados durante o faz-de-conta, ou na brincadeira livre.

A obra buscou promover diferentes propostas de brincadeiras para que o professor pudesse trabalhar em sala de aula, porém pouco se viu dessas brincadeiras permeando as atividades. Somente as que envolvem textos sonoros puderam ser registradas na coleção para as crianças.

Ainda sobre a perspectiva de criança e de infância, Brandão e Rosa (2010) em toda sua obra buscam mostrar as questões de aprendizagem da língua escrita respeitando essa fase das crianças.

### **3.7 O eixo estruturante da Educação Infantil e o que se vê na coleção.**

A Base Nacional Comum Curricular traz como eixos estruturantes das práticas pedagógicas da Educação Básica a interação e a brincadeira. Por meio disso, a criança pode construir e apropriar-se do conhecimento através da relação com seus pares mais experientes e com os adultos que estão a sua volta, possibilitando o seu desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. (BRASIL, 2017). As brincadeiras fazem parte do cotidiano das crianças, trazendo diversas aprendizagens e possibilidades no desenvolvimento integral delas.

Dentro desses eixos estruturantes das práticas pedagógicas a BNCC traz seis direitos de aprendizagem que garantem as condições para que a criança aprenda em diversas situações, trazendo desafios, buscando resoluções para situações que tragam algum conflito, construindo significados para si, os outros e o meio social e natural (BRASIL, 2017).

Na Educação Infantil existem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças que podem ser nominados da seguinte forma: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Em cada uma delas vem especificando o quê exatamente representa esses direitos:

- Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o

conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

- Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
- Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
- Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
- Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.
- Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário (BRASIL, 2017, p.38).

Ao observar a coleção e a disposição tanto das atividades propostas quanto das orientações direcionadas ao professor, pode-se identificar que alguns desses direitos foram elencados em seus conteúdos, como: o brincar, o expressar-se e vivenciar novas experiências. Entretanto foi percebido que mesmo com sugestões e propostas, a coleção ainda permaneceu com atividades em que a obrigatoriedade da escrita era mais relevante do que promover situações diversificadas de contato com a mesma.

Quando se trata em dar voz à criança para que ela possa se expressar, a coleção, por meio de sugestões ao professor, indicou situações em que isso deveria ser feito dentro do planejamento. Não se pode falar em engessamento da prática pedagógica, o que se entende é que caso o professor não esteja seguro com sua prática, nem possua tanto embasamento teórico, seguirá as orientações de forma mecânica, podendo não favorecer o desenvolvimento da criança.

Ao relacionar o conhecer a si e o outro e a construção de identidade, pouco se vê o compartilhamento disso nas atividades. As questões interdisciplinares e a produção de cultura contextualizando com a localidade em que a criança vive é praticamente inexistente. A interdisciplinaridade vista na coleção visa de fato o sistema de escrita alfabético juntamente com o eixo do letramento.

Nas questões de vivenciar experiências, a construção de hipóteses e as descobertas, a coleção contemplou atividades que tanto possibilitou isso quanto o contato com os diferentes gêneros textuais, como parlenda, cantigas, bilhetes, poemas, histórias em quadrinhos, entre outros.

Assim, a coleção conseguiu, mesmo que superficialmente, elencar dentro das atividades e orientações ao professor aquilo que é solicitado pela BNCC (2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões sobre o uso de Livros Didáticos na Educação Infantil ainda são um campo aberto para muitas discussões, sobretudo porque, como foi visto durante toda pesquisa, alguns especialistas em educação estão a favor, como Brandão e Silva (2017) e outros contra essa decisão, é o caso de Boito et al (2016). Diante das adesões dos materiais aqui analisados, por parte das instituições públicas, trouxe uma reflexão daquilo que está sendo adotado e a sua qualidade quanto à proposta de ensino que estes LD's estão oferecendo.

A principal análise esteve voltada para as contribuições dos livros didáticos no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, assim como as influências das novas perspectivas de ensino na seleção e estruturação das atividades voltadas para o SEA. Foram analisadas as estratégias de articulação entre as atividades voltadas ao ensino do sistema de escrita alfabético e as práticas de leitura e de produção de texto.

A análise inicialmente se deu no componente curricular de linguagem escrita, pois entende-se que nessa área seriam encontradas reais propostas sobre o que estava sendo pesquisado. Porém, no decorrer da pesquisa a análise foi ampliada, entendendo que trabalhar de forma interdisciplinar faz parte do que é exigido nos documentos oficiais, passou-se a esmiuçar os outros componentes curriculares dentro da mesma proposta inicial. Para nossa surpresa, foi identificado em alguns componentes curriculares atividades que refletiam uma proposta de ensino-aprendizagem da leitura e escrita.

Entendendo que o último ano da Educação Infantil deve potencializar as experiências das crianças, a BNCC defende esse aprendizado de forma conjunta.

Dentro do componente curricular de linguagem escrita foram analisadas as atividades para a aquisição da leitura e escrita, sendo visto que em sua grande maioria as atividades foram apresentadas de forma repetitiva. Não houve uma preocupação com o desenvolvimento e a progressão das atividades, sendo sempre apresentado um texto e posteriormente uma atividade relacionada ao que estava sendo abordado. Nos demais componentes curriculares também foi observado esse mesmo tipo de

sequência, mesmo que em algumas delas houvesse o uso de gêneros textuais bem diversificados.

As propostas referidas ao professor em toda coleção são bem diferentes do que as atividades vêm propondo. As orientações sempre estão centradas em atividades que utilizam a ludicidade, o brincar, com incentivo aos diversos gêneros textuais como suporte para o ensino-aprendizagem da leitura e escrita. Algumas sugestões são os jogos com linguagem, que promovem a compreensão da escrita alfabética, como também as dimensões sonoras e escrita das palavras. As sugestões dadas ao professor são diferentes do tipo de atividades que estão presentes na coleção. Conforme observado, as orientações dadas aos professores ampliam o horizonte sobre as diferentes abordagens que o mesmo pode exercer sobre a sua prática pedagógica dentro da sala de aula. Podendo, em alguns casos, tirar a autonomia do professor, utilizando esse material como único guia para sua prática pedagógica.

Em toda a obra foi percebido que as atividades com diferentes gêneros textuais foram apresentadas às crianças, porém poucas delas foram aproveitadas de maneira que pudessem ser exploradas diferentes possibilidades para utilização do gênero apresentado. De certa forma, essas atividades poderiam ter sido ampliadas promovendo mais aprendizado quanto o seu uso no cotidiano das crianças, contribuindo para melhor utilização de sua escrita de forma significativa. Baseando-nos em Brandão e LEAL (2005), concluímos que para se formar bons leitores e produtores de textos, é necessário que desde muito cedo as crianças tenham a oportunidade de ouvir histórias, de ler e escrever muitos textos, que contenham significados para elas, dentro do universo delas, o brincar. De maneira sincrônica, a obra se preocupou em atender as perspectivas do letramento e da alfabetização.

O que está em questão aqui é a relevância do uso desses livros didáticos no último ano da Educação Infantil, se os seus conteúdos conseguem contemplar o que os documentos oficiais exigem, da mesma forma se trazem contribuições para o ensino-aprendizagem da leitura e escrita. Diante do que foi visto, observa-se que as atividades buscam atender ao que pede as diretrizes, com propostas de leitura e escrita com diversas abordagens.

No que tange ao volume de textos, a coleção apresentou uma boa quantidade, privilegiando os poemas, músicas e cantigas. Ao tratar das

habilidades do SEA, a escrita de palavras foi muito abordada em toda coleção, poucas vezes incentivando uma escrita espontânea. Também houve predominância na contagem de letras. Rimas e aliterações pouco se viram em toda coleção, não demonstrando a importância de se trabalhar com essa categoria da linguagem.

Os textos trazidos pelas autoras muitas vezes estão fragmentados, deixando de contemplar a riqueza que ele poderia ofertar. Outras vezes a sequência das atividades tornam-se repetitivas em cada página, cansando os estudantes a realizar o mesmo procedimento todas as vezes.

Mas o que não deve ser deixado de lado é que sem um professor com uma boa formação, as aulas se tornarão pobres e o uso desse material passa a ser o guia para a preparação das aulas, fugindo totalmente da proposta que se tem para Educação Infantil.

Em suma, a coleção analisada pode ser utilizada como material de apoio, de modo a favorecer as questões do SEA, não podendo ser visto como material guia para o ensino na Educação Infantil. Como Soares (2018) afirma que não existe apenas um método para se alfabetizar, mas diferentes procedimentos que podem favorecer o desenvolvimento dessa competência. Entendo que a EI não tem por função antecipar o processo de alfabetização, ainda assim, não se pode privar a criança do seu direito de conhecer a cultura escrita e ser agente dessa mesma cultura, exercendo sua função como indivíduo atuante. Como assinalam Brandão e Leal (2010) esse processo do ensino da escrita na Educação Infantil deve ser tratado de forma natural, partindo do interesse das crianças, promovendo situações diversificadas de contato com a escrita, para que elas possam assim desenvolver a habilidade do sistema de escrita alfabético.

O livro didático em cena, deve ser utilizado como material que auxilie o trabalho do professor, não substituindo sua autonomia. Por isso, o livro didático nem sempre poderá contemplar a imensidão de ideias, com textos e atividades que atendam a demanda diária da sala de aula.

Para futuras pesquisas, recomendamos uma análise dos LD's voltados para a Educação Infantil utilizados em Pernambuco. Ao realizar essa pesquisa pouco se achou sobre a temática, mostrando o quão escasso se encontra esse campo. É preciso avaliar o que está sendo colocado dentro das salas de aula,

quais materiais e recurso estão sendo adotados e se eles conversam entre si. É imprescindível que exista uma fiscalização por meio da PNLD e um comprometimento com a educação, entendendo que Educação Infantil é tão importante quanto os outros segmentos, e que os materiais que devem ser utilizados dentro da sala de aula sejam compatíveis e estejam de acordo com aquilo que precisa ser ensinado e oportunizado nessas faixas etárias.

## REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, T. *et al.* Uma modalidade peculiar de privatização da Educação Pública: A aquisição de “sistemas de ensino” por Municípios Paulistas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 108, p. 799-818, out. 2009
- AQUINO, S. B. **O trabalho com consciência fonológica na educação infantil e o processo de apropriação da escrita pelas crianças**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: Anped, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT10-4998--Int.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2019.
- ARAUJO, Liane de. Ler, escrever e brincar na educação infantil: Uma dicotomia mal colocada; **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 24, mai/ago de 2017.
- BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO E MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6673-linguagemescritaedireitoaeducacao&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6673-linguagemescritaedireitoaeducacao&Itemid=30192)> Acesso em: 13/11/2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Ed. 70- São Paulo, 1977. 223p.
- BOITO, C. *et al.* Livro Didático na educação infantil: de que docência estamos falando? “Disponível em <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/EixoCRISLIANE-BOITO-MARIA-CARMEN-SILVEIRA->
- BOMTEMPO, Edda. **A brincadeira de faz-de-conta**: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 82
- BRANDÃO, A. C. P.; CARVALHO, M. J. P.; *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **As fichas de atividades de linguagem escrita na Educação Infantil**– Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRANDÃO, A. C. P.; LEAL, T. F.; *Em busca de construção de sentidos: O trabalho de leitura e produção de textos na alfabetização*. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Leitura e produção de textos na alfabetização**. — Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas*. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Alfabetizar e letrar na Educação Infantil: o que isso significa** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRANDÃO, Ana Carolina; SILVA, Alexsandro da. O ensino da leitura e escrita e o livro didático na Educação Infantil. **Educação revista quadrimestral ISSN 1981-2582**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 440-449, set-dez. 2017

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p.: il. ISBN: 978-85-7783-048-0.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, EB, DICEI, 2013. 562p. ISBN: 978-857783-136-4.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRITO, A. F. *et al.* Livros de alfabetização: Como as mudanças aparecem? “Disponível em <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT10-3822--Int.pdf>> “acesso em:15/08/2018”

CAMPOS, R., BARBOSA, M. C. S.; **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v.9, n.17, p.353-366, jul./dez. 2015. Disponível em <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/585/659>>

CASARINI, P. C.; FARIAS, P. L. Tipografia para livros didáticos infantis. **Revista Brasileira de Design da Informação**. 5-2, p.63-71, 2008.

CAVALCANTE, L. M.; **Alfabetização na educação infantil? Uma questão polêmica?** Revista *Tópicos Educacionais*, v.20, n.2,p.34-56, jul./dez.2014.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **História da Educação**, Pelotas/RS, n.11, p.5-24, Abril 2002.

CRUZ, E. P.; Classificação na Educação Infantil: o que propõem os livros e como é abordada por professores. “Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/13233/1/DISSERTA%C3%87A%20>>

FERREIRA, Rita de Cássia Cunha. **A Comissão Nacional do Livro Didático durante o Estado Novo (1937-1945)**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2008.

FONSECA, T. de L. e. **O livro didático de História: Lugar de memória e formador de identidades**”. In : Simpósio Nacional da Associação Nacional de

História, 20, Florianópolis, 1999. História: fronteiras / Associação nacional de História . São Paulo: Humanitas, FFLCH, ANPUH, 1999.

FREITAS, N. K.; RODRIGUES, M. H. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. **Revista da Pesquisa**, Santa Catarina, v. 3, ed. 1, p. 1-8, 2008.

GIRÃO, F. M. P.; BRANDÃO, A. C. P.; Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Ditando e escrevendo: a produção de textos na Educação Infantil** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GIRAO, Fernanda Michelle; BRANDAO, Ana Carolina Perrusi. Produção coletiva de textos na educação infantil: o trabalho de mediação docente. *Educ. rev.*, Belo Horizonte , v. 30, n. 3, p. 121-152, Sept. 2014 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982014000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000300006&lng=en&nrm=iso)>. access on 14 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982014000300006>.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, T. F.; SILVA, A. Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.) **Psicologia e Educação**. WALLON, Henri. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MINAYO, C. DE S. *et al* (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTEIRO, Alessandra. **Linguagem e Matemática**. / Alessandra Monteiro, Cláudia Marcos, Mércia Figueiredo, Nukácia Araújo.- Fortaleza: Edições IPDH, Edição renovada 2016. 178p. (Coleção Descobrir e Aprender: Educação Infantil 5)

Monteiro, Alessandra. **Natureza e Sociedade**. / Alessandra Monteiro, Cláudia Marcos, Mércia Figueiredo, Nukácia Araújo.- Fortaleza: Edições IPDH, Edição renovada 2016. 178p. ( Coleção Descobrir e Aprender: Educação Infantil 5)

PEREIRA, M. T. B. F. **Letramento em livros didáticos para a Educação Infantil**: possibilidades instauradas com textos poéticos. “Disponível em <<http://www.usf.edu.br/galeria/getImage/385/2139182681153304.pdf>> “acesso em: 05/01/2019”

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. **Currículo de Pernambuco: educação infantil**. Recife, Secretaria de Educação e Esportes, 2019. “Disponível em:<<http://www.educacao.pe.gov.br/portal/?pag=1&cat=18&art=4419>>. “acesso em: 13/12/2019”

PIFFER, Maristela Gatti; O Trabalho com textos na Educação Infantil: **Alfabetização, Leitura e Escrita** / n. 10 – 2006

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **A educação infantil e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-educacao-infantil-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao-nacional/42675>> Acesso em: 08 out 2018”

SILVA, Ezequiel Theodoro. **LIVRO DIDÁTICO**: do ritual de passagem à ultrapassagem. Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996. Acesso em maio de 2016. Disponível em:

<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2062/2031>>. Acesso em: 14/11/2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**/ Magda Soares. – 1.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. 384p. 80

\_\_\_\_\_, Magda. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 3. Ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128p.

SOUSA ROSA, E. C.; BRANDÃO, A. C. P.; Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. In: BRANDÃO, Ana Carolina; SOUSA ROSA, Ester Calland. **Projeto Mala de Leitura: aproximando a escola da família através da circulação de livros**– Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TEBEROSKY, A.; RIBEIRA, N. Contextos de alfabetização na aula. In: TEBEROSKY, A.; GA, M. S. (Orgs.). **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

VIEIRA, Cícera Marcelina. **Os Livros Para O Ensino Inicial Da Leitura E Da Escrita Utilizados Como Apoio Na Preparação Das Aulas: Um Estudo A Partir De Cadernos De Planejamentos De Uma Professora Alfabetizadora (1983-2000)**. 37ª Reunião Nacional da Anped – FaE/UFPEL, 2015. Disponível em: <<http://37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Trabalho-GT10-3862.pdf>>